

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENVELHECIMENTO HUMANO

Significação da aposentadoria e suas repercussões na velhice:
enfrentamento das crises normais da vida adulta de professores universitários

Cristina De Marco Severo

Passo Fundo
2012

Cristina De Marco Severo

Significação da aposentadoria e suas repercussões na velhice:
enfrentamento das crises normais da vida adulta de professores universitários

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Envelhecimento Humano.

Orientador:

Prof. Dr. Adriano Pasqualotti

Coorientador:

Prof. Dr. Agostinho Both

Passo Fundo
2012

CIP – Catalogação na Publicação

S498s Severo, Cristina De Marco

Significação da aposentadoria e suas repercussões na velhice :
enfrentamento das crises normais da vida adulta de professores
universitários. – 2012.

79 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) –
Universidade de Passo Fundo, 2012.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Pasqualotti.

Coorientador: Prof. Dr. Agostinho Both.

1. Aposentadoria. 2. Professores universitários. I. Pasqualotti,
Adriano, orientador. II. Both, Agostino, coorientador. III. Título.

CDU: 613.98

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado DA ALUNA


CRISTINA DE MARCO SEVERO


Aos trinta dias do mês de março do ano dois mil e doze às quatorze horas, realizou-se, na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo, a sessão pública de defesa da Dissertação: **"Significação da aposentadoria e suas repercussões na velhice: enfrentamento das crises normais da vida adulta de professores universitários"**, apresentada pela mestranda Cristina De Marco Severo, que concluiu os créditos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Envelhecimento Humano. Sêgundo os encaminhamentos do Conselho de Pós-Graduação (CPG) do Mestrado em Envelhecimento Humano e dos registros existentes nos arquivos da Secretaria do Programa, a aluna preencheu todos os requisitos necessários para a defesa. A banca foi composta pelos professores doutores Adriano Pasqualotti - orientador e presidente da banca examinadora (UPF), Cleide Fátima Moretto, Johannes Doll e Marilene Rodrigues Portella. Após a apresentação e a arguição da dissertação, a banca examinadora considerou a candidata **APROVADA**, em conformidade com o disposto na Resolução Consun Nº 07/2010.

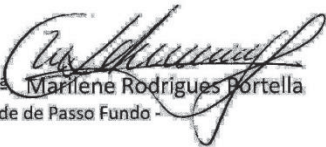
A banca recomenda a consideração dos pareceres, a realização dos ajustes sugeridos e a divulgação do trabalho em eventos científicos e em publicações.

Encerrados os trabalhos de defesa e proclamados os resultados, eu, Prof. Dr. Adriano Pasqualotti, presidente, dou por encerrada a sessão pela banca.

Passo Fundo, 30 de março de 2012.


Prof. Dr. Adriano Pasqualotti
Orientador e Presidente da Banca Examinadora


Prof. Dr. Cleide Fátima Moretto
Universidade de Passo Fundo - UPF


Prof. Dr. Marilene Rodrigues Portella
Universidade de Passo Fundo


Prof. Dr. Johannes Doll
UPF Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo incentivo e por acreditar nas minhas potencialidades, respeitando meu tempo.

Ao professor Adriano Pasqualotti, competente orientador que, através de acolhimento, respeito, confiança e paciência, conduziu esta pesquisa.

Ao professor Agostinho Both, coorientador, pelos conselhos prestados, que foram importantes na elaboração e andamento desta dissertação.

A todos que estiveram presentes, que foram solidários e, de alguma forma, participaram deste processo. A meus colegas de trabalho que, nos momentos de minha ausência, se dispuseram a colaborar.

Aos meus amigos que, mesmo entendendo a complexidade que é a realização de um mestrado, estiveram do meu lado, torcendo e ao mesmo tempo mostrando que a vida é importante e deve ser desfrutada em seus melhores momentos.

Aos professores aposentados que aceitaram participar desta pesquisa e que me receberam com carinho em suas casas, o meu especial agradecimento.

RESUMO

Severo, Cristina De Marco. Significação da aposentadoria e suas repercussões na velhice: enfrentamento das crises normais da vida adulta de professores universitários. 2012. 79 f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2012.

Analizamos o impacto da aposentadoria na vida de professores universitários aposentados, bem como as implicações desta situação na construção de novos projetos de vida. Seguimos os conceitos da análise de conteúdo propostos por Bardin (2004) para a análise dos depoimentos. Os dados referenciados provêm de sete entrevistas realizadas com professores universitários aposentados na faixa etária entre 63 e 73 anos. As categorias que delimitamos para a análise foram as seguintes: aposentadoria - expectativas e projetos, natureza do trabalho, predisposições da pessoa e vínculos com o trabalho. Os resultados apontam que a experiência da aposentadoria é difícil, exigindo dos indivíduos grande criatividade para vivenciar esta nova etapa da vida. Os indivíduos mantiveram, na medida do possível, o mesmo padrão de interação social que tinham anteriormente, bem como fizeram as adaptações necessárias para ter uma vida satisfatória. Notamos também que os indivíduos que mantinham atividades lúdicas durante a vida profissional, passaram a se dedicar de forma mais completa a essa atividade, sendo muito mais prazerosa e satisfatória, fatos esses salientados pelos indivíduos do estudo devido ao fator tempo não estar presente na conotação de obrigação, e sim de descontração de fazer o que se tem vontade. Aqueles que não tinham nenhum tipo de atividade extraprofissional, de uma forma ou de outra buscaram um novo objetivo, mesmo que alguns tenham precisado de acompanhamento médico e uso de medicação, após um primeiro momento conseguiram se realizar pessoal e emocionalmente nesta nova atividade e até referiram que não gostariam mais de voltar ao trabalho.

Palavras-chave: **1. Aposentadoria. 2. Tempo livre. 3. Ocupação. 4. Preparação. 5. Professor.**

ABSTRACT

Severo, Cristina De Marco. Significação da aposentadoria e suas repercussões na velhice: enfrentamento das crises normais da vida adulta de professores universitários. 2012. 79 f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2012.

This paper aimed to analyze the impact of retirement on life of retired college professors, as well as the implications of this situation in their new life projects. For the analysis of statements produced, the concepts of content analysis proposed by Bardin (2004) were followed. The data comprised seven interviews with retired college professors aged between 63 and 73 years old. The designated axes for analysis were the following: retirement - expectations and projects, nature of work, the person's predispositions and links with work. The results indicated that the experience of retirement is difficult and requires great creativity of individuals to face this new life stage. Besides, the subjects from the study tried to keep the same pattern of social interaction they had before, as well as they made the necessary adjustments to have a fulfilling life. We also realized that the ones, who maintained recreational activities during the working life, began to dedicate themselves more fully to this activity, which became much more pleasant and gratifying, since the time element does not mean obligation, but relaxing to do what they want to. We could also find out that those who did not have any kind of recreational activity besides working sought a new goal. Even though some of them even needed medical care and had to use some medication for some time, they managed to accomplish personal and emotional goals related to this new activity, and reported they would not like to go back to work anymore.

Key words: **1. Retirement. 2. Free time. 3. Occupation. 4. Preparation. 5. Professor.**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Visão sistêmica dos eixos delimitados para análise.

44

LISTA DE ABREVIATURAS

OMS	Organização Mundial de Saúde
Prouse	Programa Universidade Sênior
SUS	Sistema Único de Saúde
WHO	World Health Organization

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REVISÃO DA LITERATURA	13
2.1. SER PROFESSOR	13
2.2. SAÚDE E APOSENTADORIA	23
2.3. OCUPAÇÃO DO TEMPO LIVRE	36
3. MATERIAL E MÉTODOS	42
3.1. DELINEAMENTO DO ESTUDO	42
3.2. AMOSTRA E LOCAL DO ESTUDO	42
3.3. COLETA DE DADOS	42
3.4. ANÁLISE DE DADOS	43
3.5. ASPECTO LEGAL DE BIOÉTICA	43
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	44
4.1. PERFIL DOS SUJEITOS PESQUISADOS	45
4.2. APOSENTADORIA: EXPECTATIVAS E PROJETOS	45
4.3. NATUREZA DO TRABALHO	48
4.4. PREDISPOSIÇÕES DA PESSOA	51
4.5. VÍNCULOS COM O TRABALHO	54
5. CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	60
ANEXOS	67
ANEXO A. PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UPF	68
APÊNDICES	70
APÊNDICE A. QUESTIONÁRIO I: DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS	71
APÊNDICE B. QUESTIONÁRIO II: INSTRUMENTO SEMIESTRUTURADO	74
APÊNDICE C. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	76

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, a sociedade representa muitas imagens e diversos estigmas e preconceitos relacionados ao envelhecimento, sendo estes, às vezes, contraditórios entre si. A velhice pode ser considerada por alguns como sendo a fase da melhor idade, do tempo livre, do descanso; fase da vida destinada a desfrutar e realizar os projetos de vida planejados e não realizados. Ao mesmo tempo, imagens de improdutividade, de perdas físicas como beleza e vigor, presença de doenças e até mesmo invalidez fazem da figura do idoso um dos principais dependentes da assistência social. Neste sentido os idosos aparecem como um ônus, pois como estão afastados da atividade laboral, não são mais produtivos, isto é, dão uma falsa ideia de não serem mais produtivos.

A aposentadoria aparece como um dos aspectos associados ao envelhecimento, pois esta condição acarreta modificação nas rotinas e comportamento dos indivíduos, bem como a necessidade de reestruturação e reorganização do tempo e de suas atividades. A aposentadoria pode ser definida como a interrupção e/ou afastamento da atividade laboral. Enquanto o indivíduo se mantiver produtivo, ele contribui ativamente para o desenvolvimento econômico da sociedade, pois a sociedade é orientada para o trabalho e tem como objetivo fundamental acumulação de capital e bens.

Stano, 2000 descreve a aposentadoria como uma situação que torna os profissionais iguais pela situação de afastamento, porém, através do processo de envelhecimento, as lembranças mantêm e preservam certo número identitário daquilo que torna o sujeito singular, ou seja, a profissão exercida. Neste sentido, a docência e o ser professor traduzem uma maneira de viver o envelhecimento. A mesma autora refere que o professor, ao envelhecer, traz nas suas rugas as lembranças de sua vida acadêmica. O professor mantém-se professor, pelo próprio discurso e voz que interpela e assume sua fala, seus gestos, fortalecendo a identidade profissional que foi sendo elaborada no exercício de sua carreira. Tal identidade trabalhada no exercício profissional carrega também na memória os muitos outros que dividiram os dias de trabalho, os calendários, os anos letivos. Entretanto, de certo modo, a velhice vivida na aposentadoria pode ser caracterizada por uma homogeneização de hábitos. (STANO, 2000).

O processo de individuação, ocorrendo ao longo da vida, sofre mais com a aposentadoria do que com o processo de envelhecimento em si, num movimento de integração entre as transformações que surgem, podendo a aposentadoria se constituir num rito de passagem. Ainda de acordo com Stano (2000), isso exige do indivíduo uma reelaboração da sua *máscara* como representante do papel que desempenha no mundo. Essas *máscaras* são maneiras de se adaptar à vida na realidade exterior, correspondendo às expectativas, aos estigmas em relação ao social. Com a saída do indivíduo de seu local de trabalho e produção, o idoso se vê impelido a retomar suas *máscaras* e redefini-las em função da continuidade e presença no mundo. A partir dessa redefinição advêm os elementos que permanecerão e outros que serão substituídos e que não serão mais necessários ao seu cotidiano. (STANO, 2000).

Na busca de novas perspectivas para o envelhecimento, novos mercados de consumo foram criados. Empresas têm investido em diversos ramos para esse segmento da população, tais como turismo, clubes e casas geriátricas. Essas atividades surgiram fazendo uma associação entre velhice e improdutividade. O objetivo explícito dessas empresas é buscar a estimulação desses indivíduos no sentido de participarem de atividades para o preenchimento de tempo livre, integração intergeracional, contribuição do conhecimento e experiências de vida, possibilitando, também, a participação mais ativa desses indivíduos nas decisões sociais. Essas questões, associadas ao importante e progressivo envelhecimento da população brasileira, foram os principais motivadores para a realização desta pesquisa. O estudo teve como objetivo principal conhecer o significado com que o professor universitário aposentado concebe a perspectiva de afastamento da vida profissional, bem como as implicações com relação aos seus projetos de vida e de saúde.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Na primeira parte desta dissertação, recorreremos ao referencial teórico, que delinea esta pesquisa, através de tópicos como ser professor, saúde e aposentadoria e ocupação do tempo livre. Abordamos também questões do processo de envelhecimento, de seguridade social e projetos de vida e saúde. Procuramos utilizar um referencial teórico não somente de uma área específica, mas de outras áreas de estudo, com o intuito de obter uma base teórica interdisciplinar. Na segunda parte, descrevemos a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa: delineamento, coleta de dados, descrição da análise e questões éticas. Na terceira parte, apresentamos a análise dos resultados e sua relação com o corpo teórico, na qual, em um primeiro momento, é apontada a vivência dos indivíduos diante da aposentadoria, bem como as diferentes representações dessa etapa da vida; em um segundo momento, descrevemos as principais mudanças que ocorreram e os seus significados na vida dos indivíduos em estudo; por fim, em um terceiro momento, apresentamos os questionamentos sobre ocupação de tempo livre, analisando se essas facetas são significativas para tais indivíduos.

2.1. SER PROFESSOR

A responsabilidade de ser professor é sempre grande. A prática educativa demanda de indivíduos: um que ensinando aprende; outro que aprendendo ensina; daí o seu cunho gnosiológico; pressupõe a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos, envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais e, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias e ideais. (FREIRE, 2007). O autor refere ainda que a educação especificamente humana é diretiva, e desse modo política, artística e moral, envolvendo frustrações, medos, desejos. Exige do professor uma competência geral ligada à atividade docente.

Em sua essência, ser professor hoje não é nem mais fácil nem mais difícil do que era há alguns anos. É diferente. Pois devido à velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, em um mundo de rápidas mudanças, seu papel vem mudando, senão na fundamental tarefa de educar, pelo menos na tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem, e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária. (GADOTTI, 2003). O autor coloca, ainda, que a profissão docente apresenta

algumas características atuais, como a massificação da profissão e que, como o conhecimento da humanidade duplica em curto espaço de tempo, ele obsolece rapidamente. Nesse sentido o professor, hoje, precisa ser um profissional capaz de criar conhecimento. Outra característica, segundo ele, é que é uma profissão “genérica” (política) e que a competência genérica da profissão está em seu saber político-pedagógico. A terceira característica – marcante desta profissão – é que ela é constituída predominantemente por mulheres, sendo esta participação na sociedade um indicador de avanço social e de desenvolvimento humano. (GADOTTI, 2003).

A educação não tem somente o objetivo de preparar indivíduos para o aprendizado da produção, da técnica a ser executada, mas também de preparar para a vida em um mundo de rápidas mudanças, um mundo que consome ideias, sem limite de tempo e espaço, sem certezas. (ALENCAR, 2002). Freire (2007) afirma ser professor a favor da boniteza da própria prática, e que, para ser professor, o indivíduo tem que se sentir capaz de ensinar certo e bem os conteúdos da própria disciplina, e também não pode se reduzir ao puro ensino daqueles conteúdos. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é o testemunho ético ao ensiná-los. O profissional professor tem que ter coerência entre o que diz, o que escreve e o que faz.

A construção da identidade docente é uma condição para a profissionalização e envolve o delineamento da cultura do grupo profissional, sendo integrada no contexto sociopolítico. Para a construção desta identidade docente é fundamental a presença de três dimensões: desenvolvimento pessoal, que se refere à construção de vida do professor; desenvolvimento profissional, que diz respeito aos aspectos da profissionalização docente; e o desenvolvimento institucional, que se refere aos investimentos da instituição para a obtenção de seus objetivos educacionais. (VEIGA, D’AVILA, 2008).

A identidade docente é uma construção que faz parte do contexto da vida profissional desde a escolha da profissão, passando pela formação inicial e pelos diferentes espaços institucionais onde se desenvolve a profissão, o que lhe atribui uma dimensão no tempo e no espaço. É estabelecida/construída sobre saberes profissionais e sobre atribuições de ordem ética e deontológica, e sua forma tem a marca das opções tomadas, das experiências vivenciada, das práticas. Para Nóvoa (1992, p. 116), citado

em Veiga e D'avila, 2008 “[...] quer ao nível das representações quer ao nível do trabalho concreto”.

A identidade do professor significa fazer parte de uma profissão em constante processo de revisão dos significados sociais. A formação docente envolve uma ação contínua e progressiva, que envolve diversos interesses e que atribui valorização significativa para a prática pedagógica, bem como para a experiência, que são consideradas componentes constitutivos da formação. (VEIGA, 2008). Através de sua experiência profissional escolar e de seu convívio com alunos e colegas é que o professor alcança certa maturidade, possibilitando, em certo sentido, que, no ato de ensinar, ele consiga esquecer suas aflições e preocupações, que tornariam a sua prática da docência prejudicada. Por outro lado, há a oportunidade de se fazer uma reflexão crítica, honesta e amigável também de seus problemas pessoais e sociais, bem como das dificuldades oriundas da sua prática pedagógica, e esse é, sem dúvida, o maior desafio para o exercício do papel social do professor: o confronto permanente e sistemático de ideias. (DALBOSCO, 2007).

A atividade docente é uma prática complexa que combina atitudes, expectativas, habilidades e conhecimentos condicionados pelas diferentes histórias de vida dos professores. É também influenciada pela cultura das instituições onde se realiza. (D'AVILA; SONNEVILLE, 2008). Os autores referem, ainda, que os saberes profissionais não são os mesmos que os saberes advindos dos estudos universitários. Na epistemologia do exercício profissional, o interesse das investigações está sobre o conjunto de saberes utilizado pelos professores na sua prática profissional. O trabalho não é algo que se aprende conhecendo de fora para dentro, mas uma atividade que se cumpre. Os saberes profissionais são mobilizados, construídos e reconstruídos, sendo, portanto, saberes da ação. (D'AVILA; SONNEVILLE, 2008). A sociedade é toda arranjada para preparar o ser humano para o trabalho, para a atividade profissional, e não pensou em prepará-lo para o ócio; observa-se que mesmo os idosos querem continuar trabalhando, temendo o tempo como um fantasma em suas vidas. (STANO, 2001). O trabalho propriamente dito é aquele que traduz a palavra grega *poiesis*, ou seja, o fazer, a fabricação, a criação de um produto, é obra da mão humana. E este fazer humano tem a qualidade da permanência. (ALBORNOZ, 1994). Soares (2008) descreve trabalho como uma atividade humana realizada com o objetivo de produzir algo útil

para suprir necessidades sociais e que se constitui numa das principais fontes de significados para os sujeitos. No mundo contemporâneo, presencia-se uma expansão do trabalho na dimensão intelectual, quer seja nas esferas do setor de serviços e comunicações, quer nas atividades industriais mais informatizadas. Evidencia-se, então, no universo das empresas produtivas e de serviços, uma ampliação de atividades denominadas de imateriais. (ANTUNES, 1999). Neste tipo de trabalho, denominado imaterial, é necessário que o trabalhador mobilize todo o seu potencial criativo para o projeto do capital, pois o trabalho imaterial é cognitivo, comunicacional, afetivo e ligado à linguagem. (BESSI, 2007). A mesma autora afirma que o trabalhador, nos dias de hoje, pode ser denominado de trabalhador do conhecimento, pois o uso das tecnologias de informação e comunicação configura uma maior necessidade deste tipo de trabalho, diferenciado daquele realizado no começo do século passado.

Trabalho manual e intelectual, conexão entre o homem que trabalha com a mão e o que trabalha com a cabeça. (ARENDRT, 2000). O processo de pensar, que se supõe seja uma atividade da cabeça, é ainda menos “produtivo” que o labor (força de trabalho), e, de certa forma, se assemelha a este último, uma vez que o labor é um processo que cessa com a própria vida. Se o labor não deixa vestígio permanente, o processo de pensar não deixa coisa alguma tangível, pois o processo de pensar não se materializa em objetos. Para o autor, sempre que o trabalhador intelectual quiser manifestar seus pensamentos tem que utilizar as mãos, como qualquer outro trabalhador. O trabalho de professores inclui mais que conhecimentos apenas, inclui também a integração em um grupo de trabalhadores, cujo elemento comum é o objeto de trabalho, ou seja, a produção de conhecimento. São trabalhadores capazes de agir em situações interativas nas quais utilizam os conhecimentos relativos ao seu trabalho, a fim de produzirem mais conhecimentos, em conjunto com outros sujeitos. (FERREIRA, 2007).

Segundo uma investigação realizada por Bosi (1994), os idosos fazem uma leitura do passado com os olhos do presente, utilizando o que se chama de memória política e memória de trabalho. Tais memórias os levam a limitarem suas opções e a posicionarem-se sobre o que foi anteriormente realizado, se situando no presente e o comparando com o já vivido. No trabalho de formação, trabalhar a memória dos estudantes sobre o modo como aprenderam a lidar com o conhecimento é, também,

propiciar a reconstituição de sua trajetória escolar, que ocorre intercalada com processos culturais de sua época. (CARVALHO, DURAN, 2008).

De acordo com Both (2004), a natureza do desenvolvimento humano é complexa e percorre as áreas social, psicológica e biológica, que são essenciais para o desenvolvimento da personalidade. O desenvolvimento pessoal não acontece sem a participação das relações sociais, e, no desenvolvimento psicobiológico, sem a participação de sentimentos interindividuais. O autor reconhece que uma maior escolaridade torna o indivíduo mais apto e com uma complexidade maior em seu desenvolvimento, proporcionando cada vez mais diferenças positivas nas formas de ser, pensar e agir, dispondo de recursos mais flexíveis e de uma vida longa mais qualificada.

Quanto mais elevado for o nível intelectual de uma pessoa ou indivíduo, mais suas atividades permanecem ricas e variadas. A inatividade leva a uma apatia que destrói o desejo de atividade. Para Beauvoir (1990, p. 44-45), o tédio tira o gosto da distração, eles se entediam “quando poderiam ocupar-se, e não se ocupam”. Se, por um lado, o trabalho é um dos meios mais fortes para que o sujeito se adapte a uma sociedade e seja por ela reconhecido, e sendo a aposentadoria um tempo de não trabalho, que remete o indivíduo à inatividade, e se considerar um não ser porque desvincula o seu papel social, ou seja, espaço do trabalho. Isso acarretará um questionamento sobre a sua identidade pessoal, pois o trabalho é fonte privilegiada de sentimentos de valorização de si, poder sobre os acontecimentos. A aposentadoria enquanto referência de não trabalho é também lugar de não reconhecimento, não poder, logo de questionamentos do valor da pessoa. (BEAUVOIR, 1990). O sujeito deverá refazer a sua autoimagem, levando em conta a sua velhice. Nesse sentido, a dimensão temporal da identidade será atingida, isto é, as dimensões do passado (memória) e do futuro, ou seja, uma reestruturação capaz de influenciar seus projetos de vida. (SANTOS, 1990).

A especificidade do envelhecimento de professores(as) está, justamente, na possibilidade de manter traços de sua profissão, especificamente um traço que marca a sua carreira docente e que lhe é característico: a capacidade de aprender para poder ensinar. Ser professor implica um trabalho constante na busca do relevante, com a procura do novo, do atual. O processo de envelhecimento de professores(as) é marcado

por estes movimentos de buscar o novo, de atualizar-se (em projetos, em si mesmo). Planejando e elaborando suas aulas, num processo de criatividade constante, é que o professor preencheu seus anos de docência e esta capacidade de “criar” pode ser a permanência do professor no “ser-sendo-velho”, ou seja, ao envelhecer, ao se aposentar, o professor garante e sustenta certas capacidades que foram necessárias ao exercício de seu ofício. (STANO, 2001). A mesma autora afirma, ainda, que as capacidades permanecem e com isso sustentam certa e especial forma de envelhecer, com inventividade e criação de novos espaços existenciais. Ela compara o envelhecimento com a restauração de um prédio histórico, conservando a história, porém com capacidade de conservação e de vida de certa identidade lembrada, e atualizada.

A forma como o professor envelhece¹, na tentativa de desconstruir esse processo, observa-se que a profissão docente confere um estigma, uma marca de cuidado, ética, maternal e afetiva. Continua-se, mesmo na aposentadoria, mesmo longe do espaço escolar, da sala de aula, do planejamento, a corresponder ao estigma, ao impingir afetividade às relações, mantendo características da profissão docente. (STANO, 2001). A mesma autora descreve que no percurso profissional, em que o

¹ Huberman (2007) descreve sete fases do ciclo de vida dos professores: carreira, estabilização, diversificação, pôr-se em questão, serenidade e distanciamento afetivo, conservantismo e lamentação e desinvestimento. De acordo com o autor, o indivíduo professor passa por fases na sua carreira: a entrada na carreira traduz o entusiasmo inicial, a experimentação, a exaltação por estar em situação de responsabilidade; na fase de estabilização as pessoas passam a ser professores aos seus olhos e aos olhos dos outros, pertencendo a um corpo profissional no qual se afirmam perante os colegas com mais experiência e, sobretudo, perante as autoridades, na questão pedagógica há um sentimento de segurança e de descontração, ainda. A fase de diversificação caracteriza-se pelo professor realizar uma série de experiências pessoais, diversificando o material didático, modo de avaliação, maneira de agrupar os alunos, sequência do programa, etc. Antes disso, a incerteza, a inconsequência e o insucesso restringiam qualquer tentativa de diversificar a gestão da aula e faziam assumir certa rigidez pedagógica. Ainda nesta fase o professor sente necessidade de se envolver em projetos que tenham significado e projeção. Esta fase precede ligeiramente um sentimento de competência, de confiança, ou seja, a sensação confortável de ter encontrado um estilo próprio de ensino, maior flexibilidade na gestão das turmas, ou também um sentimento de segurança e de descontração. A fase do pôr-se em questão é a fase na qual alguns indivíduos relatam a monotonia da vida quotidiana da sala de aula ano após ano; para outros é o desencanto, devido o fracasso de experiências ou de reformas estruturais, sendo na verdade o “meio da carreira”, em que o indivíduo faz o balanço de sua vida, caracterizado pelo autor como sendo entre os 35 e os 50 anos ou entre o 15º e o 25º anos de ensino. Quanto à fase de serenidade e distanciamento, o autor descreve que os professores apresentam grande serenidade em sala de aula e que conseguem prever exatamente o que vai acontecer, sendo menos sensíveis à avaliação dos outros, como colegas, alunos e até mesmo do diretor. O distanciamento se faz necessário na questão de conduta pessoal e trabalho. A fase do conservantismo e lamentações se caracteriza por queixas dos professores a respeito da evolução de seus alunos, menos motivados, menos disciplinados, da atitude para com o ensino, da política educacional, de seus colegas mais jovens – menos sérios e empenhados. Na fase de desinvestimento, as pessoas se libertam progressivamente, sem se lamentar do investimento no trabalho, para consagrar mais tempo a si próprias do que aos interesses da escola; esse desprendimento em fim de carreira se caracteriza também por uma focalização maior sobre determinadas tarefas, certos aspectos do programa escolar, em certas turmas se supõe que as pessoas se desinvestem progressivamente, preparando-se para a retirada.

indivíduo se adequa ao papel de professor e estabelece a sua identidade profissional enraizada no *habitus* da profissão, ocorre uma passagem suave ou não para a aposentadoria, ou seja, a qualidade da carreira profissional e a interiorização e identificação do papel profissional são os elementos que definem o próprio processo de envelhecimento, conferindo singularidade ao tempo da aposentadoria. (STANO, 2001). Nota-se que a aposentadoria pode ser vivida como uma ruptura dos vínculos sociais e excluir o aposentado de algumas relações com a sociedade, não significando que a exclusão (do mundo do trabalho) provoque a completa exclusão dos indivíduos. Os entrevistados referem maneiras de promover e conquistar processos de inclusão social, especialmente aqueles que mantêm a identidade profissional com atividades ligadas ao *habitus* docente.

Os indivíduos constituem o principal patrimônio das universidades, tendo em vista que o que estas são e o que podem oferecer à sociedade depende de cada um – da capacidade intelectual, da criatividade, da aptidão para pesquisa, produções científicas ou artísticas. Muitos professores universitários se autodefinem mais sob o âmbito científico (como matemáticos, biólogos, engenheiros) do que como docentes universitários. Sua identidade costuma estar mais centrada em sua especialidade científica do que em suas atividades docentes. Nesse sentido, o aspecto mais crítico dos professores é ter uma identidade profissional indefinida, pois a preparação para a prática profissional esteve sempre orientada para o domínio científico e/ou exercício das atividades profissionais vinculadas à docência. (ZABALZA, 2004).

Grillo (2008) refere que a falta de consolidação da identidade profissional, que se constitui pelo conhecimento de saberes específicos da profissão e fortalecidos pela prática sendo estes saberes constituídos por um eixo científico, um eixo experiencial e um eixo pedagógico. O eixo científico se define por saberes construídos no percurso acadêmico, no espaço de formação universitária e profissional e é responsável pelo domínio de conteúdos específicos da área do conhecimento da especialidade profissional. O eixo empírico reúne saberes experienciais acumulados ao longo da vida pessoal e profissional dos professores no exercício do magistério, ou ainda como alunos, bem como o saber da experiência do coletivo de professores. O eixo pedagógico caracteriza a profissão de professor, trata de questões específicas que permeiam o

ensinar, e muitas vezes não é conhecido pelos profissionais de outras áreas. (GRILLO, 2008).

A construção da identidade com base em uma profissão inicia-se no processo de efetivar a formação na área. Deste modo, os anos passados na universidade já funcionaram como preparação e iniciação ao processo identitário e de profissionalização dos profissionais em diversas áreas. No entanto, quando esses profissionais passam a atuar no ensino superior o fazem sem nenhum processo formativo e, às vezes, sem que tenham escolhido ser professor. (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002).

Os mesmos autores referem que se este profissional provém da área da educação ou licenciatura, teve oportunidade de discutir elementos teóricos e práticos relativos à questão do ensino e aprendizagem direcionados para a formação profissional universitária, porém sendo de outro quadro profissional, trará consigo um desempenho desarticulado das funções e objetivos da educação superior. Neste caso a construção identitária se dá ao longo da trajetória, iniciada nos estudos formais na graduação e sistematizada nos momentos subsequentes de aprofundamento (especialização, mestrado, doutorado). (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002).

Para o exercício de qualquer profissão há necessidade de um aprendizado específico requerido para o exercício daquele ofício. Porém, para o exercício da profissão docente no ensino superior o mesmo não ocorre e o professor universitário aprende na prática, já no exercício de sua função. (VASCONCELOS, 2006).

Como atividade especializada, a docência tem seu âmbito determinado de conhecimentos. Requer preparação específica para o seu exercício. Como em qualquer outro tipo de atividade profissional, os professores devem ter os conhecimentos e habilidades exigidos para poder desempenhar adequadamente as suas funções. As funções formativas foram se tornando mais complexas, e muitas vezes aos professores universitários são atribuídas três funções: o ensino (ou docência), a pesquisa e a administração (nos diversos setores institucionais). Atualmente, novas funções agregam-se a estas relações institucionais, as quais ampliam e tornam cada vez mais complexo seu exercício profissional (que se refere desde a representação da própria universidade nas inúmeras áreas até a criação e manutenção de relações com outras universidades, empresas e instituições, buscando reforçar o caráter teórico-prático da

formação). É o que alguns denominaram de *business* (busca de financiamento, negociação de projetos e convênios com empresas e instituições, assessorias, participação como especialista em diversas instâncias científicas). (ZABALZA, 2004).

Como toda instituição, a universidade tem normas específicas, princípios e uma linguagem própria que os professores precisam dominar para exercer todas as atividades que lhe são exigidas. Nessa perspectiva, outro tipo de atividade cobrada do professor universitário é a divulgação científica, pois se defende que esta deva iniciar-se nos centros de produção do conhecimento, ou seja, o pesquisador deve divulgar o conhecimento produzido, sendo desta forma um tipo de prestação de contas, ou seja, uma maneira de mostrar à sociedade como foi feito o investimento do dinheiro público. (CARNEIRO, 2010, p. 101-113).

A mesma autora ressalta que as responsabilidades dos professores são cada vez mais amplas; porém as condições de trabalho parecem não ter se modificado. Nesse sentido a autora ressalta duas posições opostas: a primeira admite que a intensificação do trabalho docente é saudável, traduzindo-se em ganho para os professores na medida em que vão ampliando seus conhecimentos e habilidades. A segunda, menos otimista, defende que o aumento das responsabilidades conduz à proletarianização de suas condições de trabalho. Salientando que, mesmo que fosse possível para um docente universitário dedicar-se unicamente à pesquisa, ele também estaria atuando como professor, em um laboratório, orientando estagiários, mestrandos e doutorandos. (CARNEIRO, 2010). Enricone, 2008 refere que, ao tratar de conhecimento, não se pode deixar de lembrar a importância da pesquisa correlacionada ao ensino como construtora do conhecimento, sendo esta construção função da universidade relacionada à formação humana, ao desenvolvimento da sociedade e, portanto, tarefa docente.

A universidade, enquanto instituição educativa, configura-se como um serviço público de educação que se efetiva pela docência e investigação, e tem como finalidades: criação, desenvolvimento, transmissão e a crítica da ciência, da técnica e da cultura; a preparação para o exercício de atividades profissionais que exijam a aplicação de conhecimentos e métodos científicos e criação artística; apoio científico e técnico ao desenvolvimento cultural, social e econômico da sociedade. Caracteriza-se como um processo de busca e de construção científica e crítica de conhecimentos. (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002). Os mesmos autores entendem a universidade como instituição

educativa cuja finalidade é o permanente exercício da crítica, que se sustenta na pesquisa, no ensino e na extensão. Ou seja, na produção do conhecimento por meio da problematização dos conhecimentos historicamente produzidos, de seus resultados na construção da sociedade e das novas demandas e desafios que ela apresenta.

O exercício da profissão docente universitária requer uma sólida formação, não apenas nos conteúdos científicos próprios da disciplina, mas também em relação à didática e ao encaminhamento das diversas variáveis que caracterizam a docência. Antes do compromisso com a sua disciplina, está o compromisso do docente com seus alunos, motivo pelo qual ele deve servir de facilitador, fazendo o que estiver ao seu alcance para que os alunos tenham acesso intelectual aos conteúdos e às práticas da disciplina, sendo isto denominado de dupla competência dos bons professores: a competência científica, como conhecedores fidedignos do âmbito científico ensinado, e a competência pedagógica, como pessoas comprometidas com a formação e com a aprendizagem de seus estudantes. (ZABALZA, 2004).

O ensino na universidade, por sua vez, constitui um processo de busca, de construção científica e de crítica ao conhecimento produzido, ou seja, seu papel na sociedade. Desse modo, algumas atribuições são importantes, sendo elas:

- a) propiciar o domínio de um conjunto de conhecimentos, métodos e técnicas científicas, que assegurem o domínio científico e profissional do campo específico e que devem ser ensinados criticamente;
- b) conduzir o aluno a uma autonomia progressiva;
- c) considerar o processo de ensinar/aprender como atividade integrada à investigação;
- d) desenvolver capacidade de reflexão;
- e) transformar a simples transmissão de conteúdos em processo de investigação;
- f) criar e recriar situações de aprendizagem;
- g) conhecer o universo cultural e de conhecimento dos alunos e desenvolver processos de ensino e aprendizagem interativos e participativos, entre outros.

Há de se considerar que estas atribuições do ensinar na universidade exigem uma ação diferente da tradicionalmente praticada. Na docência, o professor, enquanto prestador de serviço, precisa atuar como profissional reflexivo, crítico e competente na sua disciplina, além de capacitado a exercer a docência e realizar atividades de investigação. (PIMENTA; ANASTASIOU; 2002). Os autores comentam, ainda, que a docência na universidade configura-se como um processo contínuo de construção de identidade docente e tem por base os saberes da experiência, construídos no exercício profissional mediante o ensino dos saberes específicos das áreas do conhecimento.

É importante que todo professor do ensino superior esteja sempre em um processo de aperfeiçoamento e reelaboração constante de sua prática docente, não importando a área e nem a disciplina que ministre ou curso no qual atue. Também que ele esteja sempre se preocupando e cuidando de sua competência profissional, para que seu aluno o reconheça como autoridade, decorrente de sua posição institucional e de legitimidade. (VASCONCELOS, 2006). A autora salienta que a aula, cerne da atividade docente, pressupõe momentos distintos, ainda que complementares, que envolve desde a sua preparação, execução, até chegar à sua avaliação e conseqüente revisão. Daí a importância de torná-la ambiente agradável, facilitador da aprendizagem. Salienta também que um professor democrático, preocupado com a aprendizagem de seu aluno, facilitador do processo de ensino-aprendizagem, terá o cuidado de envolver os educandos em um processo que será, afinal, conjunto. Esse cuidado refere-se a apresentar o programa, definir regras, organizar o ambiente da sala de aula, e ausência de privilégios. Daí a importância do professor não perder de vista a singularidade do seu papel, independente de que nível ele seja, assumindo com competência as funções que lhe são inerentes e inalienáveis tanto no âmbito de sala de aula quanto no âmbito institucional. Vasconcelos (2006) refere, ainda, que no ensino superior os docentes são membros de diversos conselhos acadêmicos (conselho universitário e conselho de ensino, pesquisa e extensão) e são também aqueles que ocupam (por eleição de seus pares ou por delegação superior) os cargos de chefes de departamentos, coordenadores de cursos, diretores e até mesmo reitores.

2.2. SAÚDE E APOSENTADORIA

No Brasil, o direito universal e integral à saúde foi conquistado pela sociedade na Constituição de 1988 e reafirmado com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), por meio das leis 8080, de 19 de setembro de 1990, e 8142, de 28 de dezembro de 1990. As políticas públicas de saúde têm o objetivo de assegurar atenção a toda população, por meio de ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, garantindo integralidade da atenção, indo ao encontro das diferentes realidades e necessidades de saúde da população e dos indivíduos. Diante da crescente demanda de uma população que envelhece, e em acordo com os direitos previstos na Constituição de 1988, foi promulgada, em 1994, a Política Nacional do Idoso, através da Lei 8842, de 4 de janeiro de 1994, regulamentada decreto 1948, de 3 de julho de 1996. Esta política assegurou direitos sociais à pessoa idosa, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade, reafirmando o direito à saúde nos diversos níveis de atendimento do SUS². (BRASIL, 2006a).

Embora sendo universal, o envelhecimento é um processo individual, manifesta-se de forma diferente para cada indivíduo e está diretamente relacionado ao envelhecimento biológico, às enfermidades apresentadas por ele, bem com as perdas de capacidades e alterações sociais importantes ocorridas ao longo da vida. (DUARTE, 2005). A população idosa tem menos doenças graves do que a população jovem, e também menor taxas de morte em decorrência delas, porém a maioria dos idosos apresenta pelo menos uma doença crônica. Frequentemente apresentam várias condições crônicas que precisam ser controladas de forma simultânea. As doenças crônicas são uma das principais causas de morte e também de gerar incapacidades nos idosos. (ELIOPOULOS, 2011).

Com o aumento da população idosa³, e com o deslocamento das doenças agudas para as crônicas, houve expansão do tratamento de doenças tradicionais. Deste modo, o foco em prevenção, promoção e tratamento das patologias crônicas no cuidado

² Para outras informações dos direitos das pessoas idosas no tocante ao acesso à saúde, acessar as seguintes referências: a) BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. *Atenção à saúde da pessoa idosa e envelhecimento*. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. (Série B. Textos Básicos de Saúde) (Série Pactos pela Saúde, v. 12, 2006); b) BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Caderno de Atenção Básica, n. 19, 2006).

³ O limite de idade entre indivíduo adulto e o idoso é 65 anos para nações desenvolvidas e 60 anos para os países em desenvolvimento. É este critério cronológico que é adotado na maioria das instituições que procuram dar ao idoso atenção à saúde física, psicológica e social. Sob alguns aspectos, principalmente legais, no entanto, o limite é de 65 anos também em nosso país. (NETTO, 2002).

à saúde aumentaram significativamente em relação a anos anteriores. (SMELTZER; BARE, 2008). O conceito de doença única, caso em que um único problema pode explicar os sinais e sintomas apresentado, não se aplica à população idosa, pois estas costumam apresentar um somatório de sinais e sintomas, resultado de várias doenças concomitantes, pois a insuficiência de um sistema leva à insuficiência do outro, denominando assim o “efeito cascata”. (BRASIL, 2006). Na prática, controlar as doenças infecciosas na infância é atualmente muito mais fácil do que controlar as doenças crônicas dos idosos, porque campanhas de vacinação, medicamentos e medidas de saneamento só não resolvem a situação definitivamente por limitações no contexto político e econômico. Já no caso dos idosos, o problema é mais complexo, já que ainda não existem medidas preventivas eficientes como vacinas, e as medidas existentes são geralmente de cunho educativo, que envolvem mudança de hábitos de vida, e isso é tão mais difícil quanto mais baixo for o nível socioeconômico e o grau de escolaridade dos indivíduos. (RAMOS, 2002). O autor refere ainda que as perspectivas sejam piores quando relacionadas ao tratamento, visto que as doenças crônicas degenerativas não são passíveis de cura, e o que se consegue, em situação de vigilância eficiente e adesão ao tratamento, é o controle da evolução dessas doenças ou do aparecimento de complicações e agravamentos. Nesse sentido, configura-se uma situação onerosa, pois independente da atuação do sistema de saúde, as doenças, se não identificadas ou mal tratadas, seja por falha do sistema de saúde e/ou do paciente, têm uma tendência a evoluir, gerar complicações, que frequentemente se manifestam por incapacidades físicas e mentais associadas à doença original, que terminam por exigir medidas assistenciais de urgência e internação. (RAMOS, 2002). Por outro lado, muitas doenças crônicas comumente encontradas em idosos podem ser controladas, limitadas e até mesmo evitadas. Os idosos são mais prováveis de manter boa saúde e independência funcional quando incentivados a fazê-lo e quando estão disponíveis na comunidade os serviços de apoio necessários. (SMELTZER; BARE, 2008).

Para esses autores, houve, na prática, um declínio das limitações nas atividades instrumentais da vida diária, refletindo recentes tendências na promoção da saúde e nas atividades de prevenção da doença, como nutrição melhorada, tabagismo reduzido, exercícios aumentados e a detecção precoce dos fatores de risco, tais como hipertensão e níveis séricos de colesterol aumentados. O conceito de saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS, 1948), distante de ser uma realidade, representa um compromisso, um

horizonte a ser perseguido, pois indica uma ideia de “saúde ótima”, possivelmente inatingível e utópica, uma vez que a mudança e não a estabilidade é um fato predominante na vida das pessoas. Saúde não é “estável”, para que, uma vez alcançada, possa ser mantida. A compreensão de saúde é subjetiva, pois o fato de as pessoas e a própria sociedade terem mais ou menos saúde vai depender do momento, do referencial e dos valores atribuídos a uma determinada situação. (BRASIL, 1997).

Netto (2005) afirma que as alterações funcionais que acometem os idosos, associadas a uma maior prevalência de doenças crônicas, podem levar à deterioração da manutenção da independência. Este seria um dos motivos pelos quais os idosos são, em número e intensidade, mais dependentes que a população mais jovem. Por outro lado, o mesmo autor afirma que mesmo o indivíduo portador de doença poderá sentir-se saudável, ativo em seu meio e ter também uma boa qualidade de vida. Alguns estudiosos afirmam que a capacidade intelectual nos idosos não diminui, ocorrendo, sim, um declínio na capacidade física, isto é, um declínio biológico, fazendo com que a recuperação do cansaço seja mais demorada, enfraquecendo lentamente outros sistemas, como a capacidade de audição e de visão, entre outros.

Mesmo indivíduos com boas condições de vida convivem com doenças, problemas de saúde e com a questão da morte. Nesse sentido, os serviços de saúde desempenham um papel importante em termos de prevenção, tratamento e reabilitação, no sentido de minimizar as complicações das pessoas portadoras de enfermidades ou deficiências. Na prática, um idoso com uma ou mais doenças crônicas pode ser um idoso saudável, se for comparado com um idoso com as mesmas doenças, porém sem controle das mesmas e apresentando sequelas e incapacidades associadas. A ausência de doenças ainda é privilégio de poucos, porém a capacidade do indivíduo de determinar e executar seus desejos é o que deve predominar. Mais importante ainda é que o idoso consiga gerir sua vida, determinar suas atividades recreativas e de lazer, bem como o convívio social e trabalho (produção em algum nível). Nesse sentido, pouco importa quantas doenças ele possui, mas, sim, o resultado de um tratamento bem-sucedido, se mantém sua autonomia, é feliz, participa socialmente e, de certo modo, é uma pessoa idosa saudável. (RAMOS, 2002).

O predomínio de mulheres na população idosa também tem repercussões nas necessidades de políticas públicas, pois embora as mulheres vivam mais que os homens,

elas estão mais sujeitas às deficiências físicas e mentais. (CAMARANO, 2002). Por outro lado, o aumento na expectativa de vida das mulheres também traz a possibilidade de viver mais tempo como avó, pois devido às mudanças ocorridas na sociedade, o papel que ela exerce dentro do sistema familiar no apoio aos filhos e netos também é muito importante. Essa função promove a expansão de sua identidade social, pessoal e também para a sua saúde. (SALGADO, 2002). Quanto mais atentos estivermos às transformações pelas quais passamos durante a nossa vida, aprenderemos a viver melhor com essas mudanças e melhor será a nossa condição na velhice. O importante é que nesta fase da vida devem-se realizar atividades prazerosas, que sejam gratificantes, que ajudam na criatividade e a aprender coisas novas. (RODRIGUES, 2000). Há idosos que encaram a velhice como mais uma etapa da vida; de forma significativa, eles agem assim e encontram equilíbrio em seu existir. Entretanto, outros, ficam à procura de um sentido, ou de um novo sentido, para as suas vidas. (PAPALÉO NETTO, 2005). Uma tendência da velhice contemporânea é a ideia de que nos estágios mais avançados da vida é que está o momento adequado para novas conquistas, baseadas na busca do prazer e da satisfação pessoal, quando os conhecimentos e experiências adquiridas ao longo dos anos podem estabelecer melhores relações entre os jovens e os mais velhos. (DEBERT, 1999). A autora salienta o aumento significativo de programas voltados para o idoso, em que a busca da autoexpressão abre espaços para novas experiências e uma sociedade mais sensível aos problemas do envelhecimento. O grande desafio nos estudos de envelhecimento está em fazer com que o idoso, apesar de suas progressivas limitações, possa redescobrir possibilidades de viver a sua vida com a máxima qualidade possível.

O envelhecimento pode ser determinado pela vida que se viveu, e estar relacionado com o ajustamento pessoal e social dos anos adultos, e também com a forma que se leva este período da vida. O processo de envelhecimento é individual, o que acontece com um pode não acontecer com o outro. E envolve quatro aspectos: biológico, psicológico, social e de ajustamento. (STEGLICH, 1992). Sob o ponto de vista biológico, Rodrigues (2000) refere que o envelhecimento ocorre em todas as espécies de seres vivos, e é parte integrante do ciclo da vida. Cada um vivendo o seu próprio envelhecimento percebe que as partes do corpo envelhecem em momentos diferentes. Segundo a mesma autora, quanto mais atenção o sujeito tiver com as mudanças que acontecem na sua existência, melhor aprenderá a conviver com estas

modificações e melhor será a sua condição física na velhice. Juntamente com o envelhecimento biológico, acontece o envelhecimento psicológico, que pode ser analisado em termos de mudanças no sistema nervoso central, na capacidade sensorial e perceptual, bem como na habilidade de armazenar e utilizar as informações, podendo acontecer lapsos de memória, sendo salientada a memória remota em comparação com a memória recente.

Um dos dados mais aceitos na cognição de adultos idosos é que, com a idade, ocorrem perdas na velocidade de processamento da informação. Deste modo os idosos ficam em desvantagem em relação aos jovens, no momento em que as tarefas de processamento da informação tornam-se exigentes, no que diz respeito à parte psiconeurológica de que dispõem. A investigação envolve uma grande variedade de desempenhos intelectuais como, por exemplo, atenção, memória, solução de problemas e tomada de decisões. (NERI, 2002). A mesma autora refere que memória é um dos assuntos mais pesquisados. As perdas em memória não devem ser atribuídas somente ao déficit no processamento de informações, mas também à baixa estruturação ambiental, déficit motivacional, baixa autoestima, falta de confiança na própria capacidade, depressão, medo do fracasso e efeito colateral de alguns medicamentos.

Normalmente, diminui o entusiasmo e conseqüentemente a própria motivação do idoso, sendo necessários estímulos bem maiores para realizar alguma ação. Ocorrem algumas modificações nos papéis sociais que desempenhamos ao longo de nossa vida, pois de filhos passamos a ser pais e avós; de solteiros descomprometidos passamos a ser responsáveis chefes de família; de estudantes a trabalhadores e, depois, aposentados; de pessoas absolutamente sem tempo, devido às atividades que desempenhamos, a alguém dono de um enorme tempo livre. (RODRIGUES, 2000). A mesma autora refere que essas mudanças normalmente assustam, trazendo, para alguns, estresse e até mesmo sofrimento, mas estamos em constante mudança, e quanto mais sensíveis estivermos a elas, mais fácil será a passagem para outras etapas da vida. Passagem esta denominada terceira idade, melhor idade, maior idade, dentre tantas outras terminologias utilizadas para este momento da vida que também é de perdas e ganhos. Perdas essas de ordem psicológica e social, mas também de ganhos, entre eles liberdade, tempo e experiências de vida. Nesta fase denominada de ajustamento, as transformações que ocorrem com o indivíduo dizem respeito aos problemas de ajustamento interno e externo a essa nova

situação, no sentido de mudanças no padrão da autoimagem, dos sentimentos, bem como de manter o equilíbrio de identidade e manter o bem-estar pessoal. (STEGLICH, 1992). Este indivíduo idoso pode ocupar seu tempo com a liberdade que se tem de fazer ou não fazer, principalmente na realização de atividades que dão prazer e que são gratificantes. É preciso estar aberto a experiências inovadoras, saber pensar, decidir, optar, e, assim, tornar-se um membro ativo, participante da vida social, cultural da sua cidade, do seu país. Também ter objetivos procurando atingi-los, ter entusiasmo, porque a mente permanece lúcida, e não se amedrontar com a diminuição do vigor físico. (RODRIGUES, 2000).

Erbolato (2002) menciona que, embora nem todos envelheçam da mesma forma, alguns aspectos são universais nesse processo, como a crescente proximidade com a morte, maior fragilidade e suscetibilidade às doenças e o desequilíbrio entre perdas e danos. Alguns eventos podem ser considerados normativos no seu início, como o nascimento de netos e a aposentadoria, implicando no desenvolvimento de papéis de avós, perda do papel produtivo, dos relacionamentos ligados ao trabalho e a maior disponibilidade de tempo para buscar novas atividades, remuneradas ou não, e para investir em novas parcerias sociais. (ERBOLATO, 2002).

Santos (1990), ao realizar sua pesquisa sobre identidade e aposentadoria, descreve que a aposentadoria se relaciona com a identidade pessoal como consequência das modificações nas relações instituídas entre o indivíduo e o sistema social, ou seja, nas mudanças do papel social que ocorrem com o afastamento do sujeito de sua atividade produtiva. O autor, citando Guillemard (1972), mostra o comportamento dos aposentados utilizando três níveis de análise: o nível das relações sociais, o nível do sistema de personalidade e o nível de práticas de aposentadoria. Nesta análise a autora, pelas suas ações, experiência e ideologia, demonstra cinco tipos de comportamento dos aposentados de acordo com a predominância da natureza ou cultura social no momento da aposentadoria. O estudo mostra diversos tipos de práticas de aposentadoria que vão desde aquele que se retrai, tendo raros projetos de vida (Tipo I); aqueles que se reinserem na sociedade em atividades paraprodutivas (Tipo II); outros, ainda, que se caracterizam por reinserção social a partir de atividades de consumo também denominadas de aposentadoria-família ou aposentadoria-lazer (Tipo III); aqueles que traduzem a aposentadoria em um tempo de contestação do lugar que ocupam na

sociedade (Tipo IV); e, por último, aqueles que têm uma participação passiva, caracterizada pela aceitação do *status* de aposentado.

Neste contexto, a mesma autora explica que a forma como as pessoas vivem a sua aposentadoria está diretamente ligada à posição dos indivíduos na estrutura social, na escolaridade, e que isso está interiorizado pelo sujeito e se torna parte de sua identidade, que vai influenciar o seu jeito de ser e de viver a sua aposentadoria. O reconhecimento do ser humano como indivíduo pode ser medido pelos papéis profissionais que ele representa e pela posição destes papéis no sistema social, definindo identidade profissional do trabalhador. Santos (1990, p. 11) afirma que “[...] é a identidade profissional que define o sujeito e determina seu lugar na sociedade”. Neste sentido, o trabalho se torna um fim em si mesmo, alienando este mesmo sujeito na medida em que a importância de sua atividade profissional confunde a sua identidade com o seu papel. Observa-se, também, que a aposentadoria provoca um movimento de ruptura com o espaço do trabalho, trazendo-o ao espaço privado, doméstico, tornando-se um não lugar, e dá ao sujeito aposentado olhares para o lugar doméstico, familiar. Para Townsend (1957), citado em Santos (1990, p.6), a vida do sujeito tem praticamente duas fontes de equilíbrio: o mundo familiar e o mundo do trabalho. No momento da aposentadoria, o sujeito tem apenas duas saídas possíveis: o isolamento ou o retorno à vida familiar. Isso significa que produz uma diminuição do *status* social, bem como uma alteração no sistema de papéis, que é compensado pela acentuação de novos papéis. Essa nova situação revela que a aposentadoria de cada sujeito será consequência da conjugação tanto das diferenças individuais quanto das desigualdades sociais, bem como da capacidade deste mesmo sujeito de resolver seus conflitos. (SANTOS, 1990).

No processo de adaptação à aposentadoria, Lehr (Apud SALGADO, 1999) refere que se deve também incluir a reestruturação conjugal e familiar. Uma vez que o indivíduo ocupava uma grande parte do seu tempo no trabalho, não ocupando este mesmo tempo na esfera familiar, a situação da aposentadoria poderá ser alterada principalmente nas relações familiares, pois esta situação poderá promover conflitos ou entendimentos. A aposentadoria acarreta modificação da rotina frente a uma necessidade de reestruturação do tempo livre e de atividades. Nesse sentido, geralmente surgem os “trabalhos alternativos”, “hobbies”, as experiências em artes e os ofícios que implicam em autonomia. (CARLOS et al., 1999).

Neste mesmo contexto, uma das preocupações mais importantes que o avançar da idade propicia na aposentadoria é a significação que ela tem para o indivíduo, porque sugere inatividade, início de uma vida improdutiva, o que, nas décadas passadas, simbolizava o início do processo de envelhecimento. Com o aumento da longevidade e os avanços nas áreas médicas e das ciências, passa-se por momentos de apreensão, pois se deve manter um nível de vida próximo àquele que se tinha durante o período de atividade laboral. (PEIXOTO, 2004). Se a sociedade discrimina as pessoas da terceira idade, pela perda progressiva de suas capacidades físicas, por outro lado uma grande parte desta população conserva suas capacidades, habilidades e energia.

A aposentadoria pode ter diferentes resultados para homens e mulheres, pois como estas geralmente apresentam jornada dupla de trabalho vivenciando esta situação mais como uma perda da função remunerada do que do trabalho em si, conservam-se ativas nas atividades domésticas enquanto as condições de saúde permitem. A identidade masculina está culturalmente ligada à identidade profissional, podendo a experiência da aposentadoria requerer mais modificações de vida. O mesmo autor refere que estas características poderão diminuir devido à maior inserção das mulheres no mercado trabalho de trabalho, com conseqüente divisão das tarefas domésticas. (ERBOLATO, 2002).

Não se sabe como viverão as mulheres que hoje são jovens, que têm um melhor nível educacional, maior participação na vida social e maior realização profissional. Para os homens a aposentadoria pode significar oportunidade para empreender uma segunda carreira, ou também engajar-se em um novo emprego ou outra atividade economicamente produtiva. A aposentadoria pode ser um período de empobrecimento, devido à depreciação constante do seu valor e, às vezes, a difícil possibilidade da complementação de renda com outro trabalho remunerado. Nas classes sociais mais favorecidas, a aposentadoria pode significar uma nova vida, mudança de ritmo e rotinas, bem como um maior contato social, novas atividades e também como uma oportunidade para aproveitar a vida. (RODRIGUES; RAUTH, 2002).

A teoria do afastamento ou do desengajamento formulada por Cumming e Henry (1961) estabelece que, à medida que as pessoas envelhecem, ocorre um afastamento universal, inevitável, sendo essa diminuição da interação social interpretada como um processo caracterizado pela mutualidade, na qual tanto a sociedade quanto a

peessoa se retiram com o envelhecimento. Nesse sentido, o desligamento é natural, em vez de um processo imposto. Funcionalidade, mutualidade, inevitabilidade e universalidade do afastamento típico da velhice são os aspectos analisados por esta teoria. Nesta visão, a pessoa mais velha que apresenta um sentido de bem-estar psicológico será geralmente a pessoa que atingirá um novo equilíbrio, caracterizado por uma maior distância psicológica, os tipos de alterações de relacionamentos, e diminuição da interação social com a pessoa ao seu redor. O desengajamento é considerado natural e espontâneo, salientando a ideia de que a diminuição das interações sociais é inerente ao processo de envelhecimento e, por isso, inevitável. (NERI, 2005). Essa teoria questionou quase todos os pressupostos gerontológicos sobre os anseios das pessoas idosas em relação ao trabalho, afirmando que as pessoas idosas desejam reduzir seus contatos sociais, sentindo-se assim mais felizes. A atividade continuada é questionada como um valor necessário para os idosos, pois isso leva, em algum momento no processo de envelhecimento, a um conflito entre a continuidade da atividade e da expansão e o enfrentamento subliminar com o final da vida, de outro lado. (DOLL et al, 2007).

Os mesmos autores ainda descrevem que a teoria do desengajamento é desenvolvida a partir do senso comum, as pessoas idosas estão menos envolvidas com acontecimentos ao seu redor do que quando jovens, o envelhecimento é um acontecimento mútuo e inevitável de desengajamento, resultando numa redução de interações entre o indivíduo que está envelhecendo e as pessoas que compõe seu grupo social. (DOLL et al, 2007). Já Steglich (1992) afirma que a passagem dos anos, principalmente na terceira idade, produz uma redução na capacidade de realizar tarefas, geralmente ocasionado pela lenta atrofia do aparelho neurossensório e, também, uma maior lentidão na percepção e resolução de problemas. Tal fato se apresenta de maneira variável para cada indivíduo. O sentir-se improdutivo pode provocar alterações psicopatológicas manifestadas através da alienação de si mesmo, perda ou deterioração da inteligência, também denominada de demência e manifestada por uma insuficiência na capacidade intelectual. Esta situação não obedece a esquemas cronológicos, sendo que alguns apresentam em momentos mais cedo da vida e outros mais tarde. (STEGLICH, 1992).

Canineu e Bastos (2002) descrevem que o envelhecimento normal engloba um declínio gradual das funções cognitivas, dependentes de processos neurológicos que se alteram com a idade. As perdas de memória, que se referem à dificuldade para recordar nomes, números de telefone e objetos guardados são as que mais chamam a atenção das pessoas. Os mesmos autores referem que o declínio cognitivo que ocorre com o passar dos anos tem início e progressão extremamente variáveis, e dependem de fatores educacionais, de saúde, de personalidade, do nível intelectual global e das capacidades mentais específicas do indivíduo. Citam ainda que alguns indivíduos com 70 anos apresentam melhor desempenho na avaliação psicológica do que indivíduos com 20 anos; outros mantem uma incrível força mental e realizam atividades criativas até o fim da vida. Uma inteligência produtiva, hábitos organizados de trabalho e um modo de vida sadio compensam as perdas progressivas do envelhecimento.

A assunção da aposentadoria como inatividade acentua os limites naturais da evolução física e orgânica. Se a capacidade física decai, novas formas de manutenção de saúde devem ser adotadas. A diminuição da força muscular, da mobilidade e da resistência do organismo, geralmente atribuída ao envelhecimento, é muitas vezes consequência da falta de hábito de realizar atividade física de modo contínuo e orientado por profissional especializado. As possibilidades de desempenho também são proporcionais à disposição de ampliar repertórios, são compatíveis com cada um. Isso significa necessidade de redirecionar a vida, definindo o que se quer ser, ter e fazer. (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010). Um momento de apreensão com o avançar da idade é a aposentadoria, ela reflete o início da vida não produtiva, da inatividade. Se em décadas anteriores ela representava o início do processo de envelhecimento, hoje, com o prolongamento da vida e os avanços da medicina, a aposentadoria preocupa pela incerteza de se manter em um nível de vida próximo àquele do período de atividade. (PEIXOTO, 2004).

Segundo a teoria da atividade proposta inicialmente por Harvighurst e Albrecht, em 1953, a diminuição na realização de atividades físicas e mentais, geralmente associada à velhice, é fator determinante de doenças psicológicas e do isolamento social do idoso. O indivíduo que mantém os mesmos níveis de atividade das fases anteriores da vida adulta contribui significativamente para um envelhecimento bem-sucedido. O foco da teoria está na substituição de papéis através da realização de

atividades desenvolvidas em contexto próprio de idosos, como lazer, educação informal e trabalho voluntário, ou seja, para que o idoso mantenha o autoconceito positivo, deve substituir os papéis sociais perdidos no envelhecimento por novos papéis, de forma que o bem-estar na velhice seria o resultado do aumento de atividades relacionadas a esses novos papéis. Ainda segundo a teoria, o “bom envelhecimento” é estar ativo, resistir ao desengajamento social, encontrar papéis substitutivos, manter *status* e manter atividades. (NERI, 2005; SIQUEIRA, 2002).

A teoria da atividade parte do pressuposto que o envelhecimento bem-sucedido significaria a manutenção, pelo maior tempo possível, das atividades iniciadas na meia-idade e estas, quando necessário, seriam substituídas. Esta teoria destaca a importância da imagem social da velhice na sociedade, da satisfação dos idosos com suas atividades e do contentamento com suas vidas. Tal teoria busca explicar como os indivíduos se ajustam às mudanças relacionadas à idade e está fundamentada em duas hipóteses: a primeira assinala que pessoas mais velhas e ativas são mais satisfeitas e mais bem adaptadas que as que são passivas. A segunda hipótese está vinculada ao fato de que pessoas mais velhas podem vir a substituir papéis por novos, a fim de manterem seu lugar na sociedade. (DOLL et al, 2007).

Os mesmos autores referem que, embora esta teoria tenha influenciado o comportamento de pessoas mais velhas e o surgimento de políticas públicas na década de 70, e também impulsionado movimentos para a promoção do bem-estar na velhice, ela possui limitações em diferentes aspectos, o primeiro se refere ao uso indiscriminado do conceito de atividade; e o outro seria o grau de adesão na realização de atividades que preencham o tempo das pessoas aposentadas e também de idosos. Outras limitações seriam a relação entre atividade e satisfação, não levando em conta a escolha de um estilo de vida menos ativo, condições de saúde, de bem-estar ou do *status* social e econômico. Outro aspecto na abordagem do envelhecimento ativo podendo criar uma perspectiva de “antienvelhecimento”, colocando em segundo plano o enfoque de assuntos como a morte, assunto que não encontra espaço nesta teoria. (DOLL et al, 2007).

O programa do Ministério da Saúde “Brasil Saudável” abrange uma ação nacional para criar políticas públicas que promovam modos de viver mais saudáveis em todas as etapas da vida, favorecendo a prática de atividade física no cotidiano e no lazer,

o acesso a alimentos saudáveis e a redução do tabaco. Estas questões são a base para um envelhecimento mais saudável e também que tenha significado de ganho em qualidade de vida e saúde. Envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas vão envelhecendo. O envelhecimento ativo se destina tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais. Permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários. A palavra “ativo” refere-se à participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho. As pessoas mais velhas que se aposentam e aquelas que apresentam alguma doença ou vivem com alguma necessidade especial podem continuar a contribuir ativamente com seus familiares, companheiros, comunidades e países. O objetivo do envelhecimento ativo é aumentar a expectativa de uma vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas que estão envelhecendo, inclusive as que são frágeis, fisicamente incapacitadas e que requerem cuidados. (WHO, 2005).

As propostas desta política baseiam-se em três pilares: saúde, participação e segurança, sendo que algumas destas propostas relacionadas à saúde são amplas e abrangem todas as idades e outras estão voltadas especificamente para aqueles indivíduos que se aproximam da terceira idade. Entre as propostas estão: prevenir e reduzir a carga de deficiência em excesso, doenças crônicas e mortalidade prematura; reduzir os fatores de risco associados às principais doenças e aumentar os fatores que protegem a saúde durante a vida; desenvolver um contínuo de serviços sociais e de saúde acessíveis, baratos, de alta qualidade e adequados; fornecer treinamento e educação para cuidadores. A abordagem do envelhecimento ativo proporciona uma base para o desenvolvimento de estratégias locais, nacionais e globais para a população que está envelhecendo, sendo necessária a implantação de ações que venham em benefício desta população. (WHO, 2005). Privilegiar o envelhecimento bem-sucedido requer também avaliar e prever fatores de risco para o declínio cognitivo, e também diagnosticar precocemente desvios que possam resultar em um envelhecimento patológico. (CANINEU, BASTOS, 2002). Envelhecer com qualidade de vida requer

considerar aspectos como situação econômica, condições que permitam o desenvolvimento e adaptação do indivíduo na educação continuada e também percepções individuais e sociais quanto às questões da velhice. Nesse sentido, esse período pode ser o momento propício para novas conquistas, na busca do prazer, realização de projetos adiados e de satisfação pessoal. (PASQUALOTTI et al, 2010). Para os mesmos autores, as experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem elementos para se buscar novas identidades, realizar sonhos e estabelecer relações intergeracionais. A terceira idade aparece como a idade do lazer e a aposentadoria como aposentadoria ativa, colaborando com a ideia de que a vida começa aos sessenta anos. Também se manifesta como sinônimo de envelhecimento ativo e independente, caracterizando uma nova etapa entre aposentadoria e velhice, em que ociosidade e limitação física não têm espaço. (FIGUEIREDO, 2005).

Portella, (2004) descreve que a forma como os indivíduos organizaram suas vidas, o tempo histórico, social e cultural em que viveram e a presença ou não de doenças são fatores determinantes. Porém o engajamento e a participação de idosos em grupos de terceira idade demonstram uma ampliação das redes de relações, na redefinição de papéis sociais e também melhora no seu estado de saúde. A mesma autora descreve que ações coletivas, quando direcionadas por objetivos reais e concretos, fazem o seu papel na construção do envelhecer saudável.

2.3. OCUPAÇÃO DO TEMPO LIVRE

A conquista da aposentadoria fez parte do movimento operário no início do século. Melhorias salariais, diminuição da jornada de trabalho, férias, aposentadoria, regulamentação do trabalho de mulheres originaram manifestações grevistas, congressos operários e sindicais nas primeiras décadas do século XX. O direito ao tempo livre é um direito conquistado, porém não é uma conquista valorizada pelo aposentado, porque na realidade ele foi acostumado a outro ritmo, o da produção, o que ocupava grande parte de seu tempo. Livre das obrigações profissionais e de outras ocupações, o indivíduo tem um tempo livre do qual muitas vezes não sabe como fazer e nem mesmo o que fazer ou como utilizá-lo. (FERRARI, 2005).

Ferrari (2000, p. 462) ainda se refere ao tempo livre como o “[...] tempo disponível do indivíduo”, e não é caracterizado como o tempo que é gasto no trabalho

profissional, trabalho suplementar ou de complementação, trabalho doméstico, ou atividades de manutenção e autocuidado e ainda obrigações familiares, sociais e espirituais. A mesma autora refere que como em nossa cultura somos orientados e educados para o trabalho, encontrar um “tempo livre” é difícil, e ele permanece mais como um tempo sonhado. Para que possamos preparar/dispor de um tempo livre é necessário priorizá-lo, planejá-lo e transformá-lo em opção, pois é um tempo na qual se faz o que se quer, sem interferência da família, sociedade e/ou pelos valores sociais, culturais e religiosos. Já para Moragas (2004), quando as jornadas de trabalho eram esgotadas, o tempo livre era utilizado como descanso; quando esse trabalho era rotineiro, o tempo livre proporcionava oportunidade de realização pessoal, mas quando o tempo livre supera quantitativamente o do trabalho o problema atinge a identidade profunda do homem moderno. Segundo o autor, quando as jornadas de trabalho tiveram redução para oito horas, os trabalhadores não desfrutaram o tempo livre, mas sim foram procurar outros trabalhos.

De acordo com o modo de viver, dos valores individuais e sociais, o envelhecimento pode ser para alguns como um período vazio, sem valor, e até mesmo sem sentido; para outros pode ser um tempo de liberdade, de desligamento das atividades e compromissos profissionais, de fazer aquilo que não teve tempo, de aproveitar a vida. Descansar é importante, colher os frutos também, mas isso só não basta, pois por esse período no qual o indivíduo adquiriu experiência e vivências, ele tem muito para dar, receber e principalmente trocar, é importante que ele continue vivendo, lutando e crescendo na vida social, afetiva e intelectual. (FERREIRA, 2006).

Após a aposentadoria, as mulheres retornam, quase sempre, ao trabalho “primeiro” que a natureza lhe impôs e continuam aptas a desenvolvê-lo, quando socialmente esperado. Isso faz com que tenham o sentimento de utilidade por toda a vida dentro do espaço doméstico, em que nunca se esgotam as possibilidades da atenção de provedoras. O homem, por sua vez como não tem a supremacia do espaço doméstico socialmente criado para as mulheres, procuram outros espaços para vivenciar esse tempo liberado. (PACHECO; CARLOS, 2002).

Devido à maior longevidade, especialmente nas últimas décadas, o tempo pós-aposentadoria cada vez mais tenderá a ser mais longo do que o tempo de vida ativa, o que repercutirá na ocupação do tempo. Embora ainda possamos vivenciar a

“aposentadoria-lazer”, muitos aposentados querem realizar atividades que tenham um fim social útil, surgindo assim uma segunda opção em trabalhos compatíveis com suas aptidões e condições de saúde física e mental. (RODRIGUES, 2000). A mesma autora refere que a “aposentadoria ativa” evita que os aposentados se marginalizem, permitindo que participem plenamente do universo social. Alguns são ainda jovens, não se enquadrando na chamada terceira idade e que desejam ser úteis, e não apenas realizar atividade. A aposentadoria útil é uma nova imagem, evitando que a perda da responsabilidade seja sinônimo de inutilidade. Uma atividade lhes permitirá reassumir responsabilidades, seja de cunho social, cultural e até mesmo profissional, voltado para pessoas idosas, jovens ou população em geral. O tempo disponível pelo indivíduo na aposentadoria será ocupado por atividades prazerosas e gratificantes, devendo o indivíduo fazer boas escolhas para alcançar equilíbrio na vida e não só multiplicar atividades para preencher a vida a qualquer preço.

As pessoas precisam ser educadas para o tempo livre, para que possam cuidar de si através do uso criativo do tempo. Para modificar o uso do tempo precisamos modificar a ocupação do espaço. O idoso, ao se afastar do espaço do trabalho, organiza outra maneira de gerir o tempo, construindo novos espaços de inserção, seja voltando aos bancos escolares, num trabalho voluntário e/ou na jardinagem como atividade central do cotidiano. (STANO, 2001). A autora faz referência ao magistério, no qual os anos de atividade propiciam aos docentes um exercício profissional voltado para o outro, para o aluno e a aluna, para as novas gerações mediatizado pelo saber, há um preparo para o uso positivo do tempo livre. Isso ocorre pela preservação dessas experiências na memória, pelo significado da realização aperfeiçoada no magistério, pelo “saber-fazer” que se revele em certo “saber-viver” *a posteriori*. A docência preenche a lembrança do professor velho, contribuindo para um envelhecimento mais rico e mais produtivo, ele se mantém do tempo vivido significativamente em sala de aula, nas reuniões lembradas. A identidade profissional não se perde, mas se mantém pelo encontro com alunos ao longo do existir e também no envelhecer. Porque para os alunos, mesmo velhos, o professor será sempre aquele que mantém em suas lembranças.

O ajustamento à aposentadoria não é uma coisa a alcançar, mas um processo, um modo de viver que precisa ser planejado ao longo do tempo. As mudanças fazem parte da vida e é importante continuar a crescer, aprendendo e desenvolvendo sua

personalidade. Os projetos de vida são iminentemente pessoais, devendo ser desenvolvidos de acordo com nossas habilidades, criatividade, concepção de vida, saúde física e mental, e depende de nossa vontade pessoal de continuar vivendo como cidadão prestante, ou seja, útil para a sociedade e para si mesmo. (RODRIGUES, 2000).

Nesse sentido, a aposentadoria pode ser caracterizada como a fase da possibilidade de lazer, de realização pessoal e investimento em si próprio; consiste na possibilidade de promover atitudes ativas durante a ocupação do tempo livre, como a participação consciente e voluntária na vida social, evitando o isolamento e recolhimento, e a exigência de uma evolução pessoal livre, na busca do tempo livre e equilíbrio entre repouso e distração e desenvolvimento harmonioso da personalidade. (FERRARI, 2005).

Dumazedier (2000) se refere ao lazer como tendo três funções principais: a) descanso: tem a função de reparar o desgaste físico e mental do cotidiano e, certamente, um aumento da necessidade de repouso, silêncio, *far niente*, e pequenas atividades sem objetivo; b) recreação, divertimento e entretenimento: caracteriza-se a reparação do tédio, complementação e de fuga por meio do divertimento e evasão para um mundo diferente; c) desenvolvimento pessoal: permite uma participação social maior e mais livre e oferece possibilidades de integração voluntária que podem também criar novas formas de aprendizagem a serem praticadas durante a vida, contribuindo para o surgimento de condutas inovadoras e criadoras. Essas funções estão intimamente ligadas uma às outras e se acham presentes em graus variados, em todas as situações e em relação a todos os indivíduos. O autor cita ainda que as atividades de lazer praticadas pelas pessoas idosas abrangem um conjunto de classificação cultural do lazer em cinco grandes categorias, estabelecidas conforme critério de necessidades de realização do corpo e espírito do indivíduo, e também relacionadas à disposição de recursos financeiros e fragilidade com relação à saúde:

- a) lazer físico: atividade que leva os indivíduos a conhecerem novos lugares, viagens, férias, caminhadas, descanso, repouso e a presença de atividades físicas e esportes propriamente ditos, sendo estes cada vez mais presentes na população idosa;

- b) lazeres artísticos: relacionados às férias, mas com uma conotação ligada ao belo, à emoção sendo eles visitas a museus, monumentos, cinema, teatro, entre outras;
- c) lazeres práticos: relacionados aos trabalhos manuais como jardinagem, trabalhos com agulhas que trazem prazer e apresentam um caráter utilitário;
- d) lazeres intelectuais: desenvolvem-se especialmente através da leitura, sendo o jornal o mais utilizado, aparecendo ainda leitura de livros e revistas;
- e) lazeres sociais: ocupam um lugar de relevância na vida dos indivíduos idosos na forma de recepções, visitas feitas ou visitas recebidas.

O termo lazer pode ter significações diferentes para os indivíduos e se contrapor ao trabalho como “cessação do trabalho”; “estado da pessoa que não trabalha”; tem também significação negativa quando relacionado ao ócio, ociosidade, ocioso, desnecessário. Essas significações influem na atitude de idosos, que foram educados nos valores positivos da atividade e nos significados negativos da ociosidade. Novas gerações de indivíduos idosos assumem atitudes mais positivas em relação à ocupação do tempo livre. (MORAGAS, 2004).

De Masi (1999) descreve que é necessário reprojeter família, escola, a vida, para que o tempo livre seja um tempo do ser, ou seja, de “ócio criativo” e inverter a posição que o trabalho ocupa nos indivíduos ocidentais. Segundo o mesmo autor, o tempo livre pode ser preenchido com atividades prazerosas como recreação, distração que corresponde ao descanso do trabalho, ou também com atividades de maior significação social. Pode ter uma caracterização de lazer embora possa ser tão absorvente quanto às atividades manuais, artesanais ou artísticas, que, realizadas em outro ambiente, poderiam ser um trabalho autêntico. Quando estas atividades são realizadas no tempo livre, caracterizam-se por liberdade, não estão sujeitas a requisitos de tempo e qualidade, a pessoa decide o ritmo empregado, e não apresenta conotação econômica.

As atividades individuais podem ser: físicas, psíquicas ou sociais. Considerando a sua natureza podem ser: esportivas, educacionais, artísticas. De acordo com o grau de participação podem ser individuais, de pequeno grupo ou de massa. Nas atividades de tempo livre, surge a variedade e a liberdade de escolha em toda a sua

profundidade e não apenas quanto a fatores externos. Nas áreas de educação e trabalho as ofertas e possibilidades que a sociedade oferece como centros de estudos, demanda de trabalhos, etc. Quando relacionadas ao lazer, não existe limite à criatividade e qualquer situação pode ser objeto de atividade. (MORAGAS, 2004).

O lazer atualmente está constituído no mais variado e extenso conjunto de atividades para esta faixa etária. Os centros de convivência, universidades abertas à terceira idade, escolas de terceira idade e a criação de crescentes espaços de convivência social, são opções feitas pelos indivíduos idosos que procuram locais para satisfação de suas necessidades e numa forma de investimento em si próprios. (FERRARI, 2005). A felicidade na terceira idade depende mais de como se utiliza o tempo do que qualquer outra condição. Nesse sentido, o que indivíduo idoso pode fazer é optar em só fazer o que realmente gosta, o que é agradável, confortável para viver bem. No entanto, a disponibilidade de tempo e o interesse em coisas novas não podem ser superados pela falta de estímulos, pela insegurança em realizar algo novo e até mesmo pela vergonha. (PASQUALOTTI et al., 2010). Os mesmos autores referem que o aprendizado ocorre em mão dupla, em que os idosos têm oportunidade de crescimento educacional, social e descobrem o verdadeiro valor da educação, pois aprendem e ensinam. A internet possibilita a criação de novas relações, seja pelo resgate do passado ou pelas novas relações advindas da socialização no ciberespaço. A busca pela comunicação ocorre também no campo das conexões, pois cria redes de relações, de troca, de aprendizagem e de colaboração, e também conecta e integra o indivíduo idoso. Na busca de romper com o estereótipo negativo da velhice, uma das preocupações dos indivíduos idosos é de manter a capacidade cognitiva, a atividade e a saúde, deste modo ele se satisfaz e se posiciona com alegria e orgulho de não apresentar uma imagem negativa da velhice. (FIGUEIREDO, 2005).

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1. DELINEAMENTO DO ESTUDO

A pesquisa é qualitativa⁴, de natureza descritiva.

3.2. AMOSTRA E LOCAL DO ESTUDO

O estudo foi realizado em Passo Fundo, RS, com professores universitários aposentados que faziam parte do Prouse⁵. A coleta foi aleatória, sendo primeiramente realizado contato telefônico com cada entrevistado, explicando como tinha sido encontrado, quem tinha dado a indicação para participar da pesquisa e também a disponibilidade dos sujeitos para a realização da entrevista. O local da entrevista foi escolhido pelos entrevistados, sendo na sua totalidade a residência. No total aceitaram participar sete professores universitários aposentados.

3.3. COLETA DE DADOS

Para a coleta dos dados utilizamos um questionário estruturado (Apêndice A) contendo questões sociodemográficas; e para a realização das entrevistas utilizamos roteiro semiestruturado (Apêndice B), um dos meios básicos para a coleta de dados para uma pesquisa do tipo qualitativa. Esta forma de coleta permite auxiliar e ampliar a relação entre entrevistado e entrevistador, dentro do tema proposto, possibilitando ao pesquisador um apoio na sequência das questões, bem como facilita a abordagem e assegura que os pressupostos serão cobertos na conversa. Na entrevista, foi esclarecido com detalhes o objetivo da pesquisa, que é analisar o impacto com que o professor universitário aposentado concebe a perspectiva de afastamento da vida profissional, bem como as implicações com relação aos seus projetos de vida. Foi também

⁴ Por qualitativo entende-se que é aquela pesquisa que busca responder questões particulares, de significados de ações e relações humanas, no sentido de compreender a complexidade das relações sociais que criam, alimentam, reproduzem e transformam as estruturas. (MINAYO, 2004). Por sua vez, representações sociais⁴ é uma expressão filosófica que significa a reprodução de uma percepção anterior à realidade ou do conteúdo do pensamento. Nas ciências sociais, são definidas como categorias de pensamentos, de ação e de sentimentos que expressam a realidade, tentando, desta forma, explicá-la, justificá-la ou questioná-la. Deste modo os atores sociais possuem como senso comum: ideias, imagens, concepções e visão de mundo sobre a realidade que vivem. (MINAYO, 2007).

⁵ Programa Universidade Sênior (Prouse), que oferece a oportunidade de inserção institucional, não empregatícia, aos professores aposentados da UPF. O Prouse tem como objetivo principal congregar e estimular a participação institucional dos professores no advento da aposentadoria.

comunicado que a entrevista seria gravada em áudio para posterior transcrição e análise conforme os objetivos do trabalho, e que será mantido em sigilo a identidade do entrevistado, sendo que os resultados obtidos serão utilizados apenas para alcançar os objetivos da pesquisa para posterior publicação na literatura. Para a identificação de cada sujeito foi utilizado um código utilizando termos como “aposentado 1” conforme foram realizadas as entrevistas.

3.4. ANÁLISE DE DADOS

Para a análise dos depoimentos dos professores universitários aposentados, foram seguidos os conceitos da análise de conteúdo propostos por Bardin (2004), a fim de dar significado aos depoimentos – dados qualitativos.

3.5. ASPECTO LEGAL DE BIOÉTICA

O estudo, em observância às diretrizes da resolução 196, de 10 de outubro de 1996⁶ do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, atende às diretrizes no que se refere ao consentimento, sigilo e anonimato, benefícios e propriedade intelectual. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UPF, 28 de abril de 2010, por meio do registro no CEP 082/2010, CAAE número 0044.0.398.000-10⁷. Além disso, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁸, os indivíduos autorizaram sua participação voluntária na pesquisa, assegurando-lhes o direito de retirarem o consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem nenhuma penalização ou prejuízo; foi-lhes também assegurada privacidade quanto aos dados confidenciais obtidos na investigação.

⁶ Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196, de 10 de outubro de 1996. *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos*. Brasília: DF, 1996. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/1996/Reso196.doc>>. Acesso em: 2 abr. 2010.

⁷ Para outras informações ver Anexo A.

⁸ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é um documento no qual o idoso considera-se esclarecido, consentindo em participar da pesquisa de livre e espontânea vontade. O termo encontra-se em anexo, no Apêndice C.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo apresentamos os resultados das análises sobre o impacto da aposentadoria para o professor universitário e as implicações com relação aos seus projetos de vida e de saúde. Na primeira parte, apresentamos o perfil dos idosos pesquisados: professores aposentados com idade de sessenta anos ou mais, vinculados ao programa Prouse. Na segunda parte é descrito como os indivíduos se prepararam para aposentadoria, expectativas e como realmente aconteceu; na terceira parte serão descritas as principais mudanças que ocorreram e como se percebem aposentados; e na última parte como estes aposentados ocupam seu tempo livre e o que entendem sobre envelhecimento ativo. A Figura 1 apresenta a visão sistêmica dos eixos que delimitamos para serem analisados.

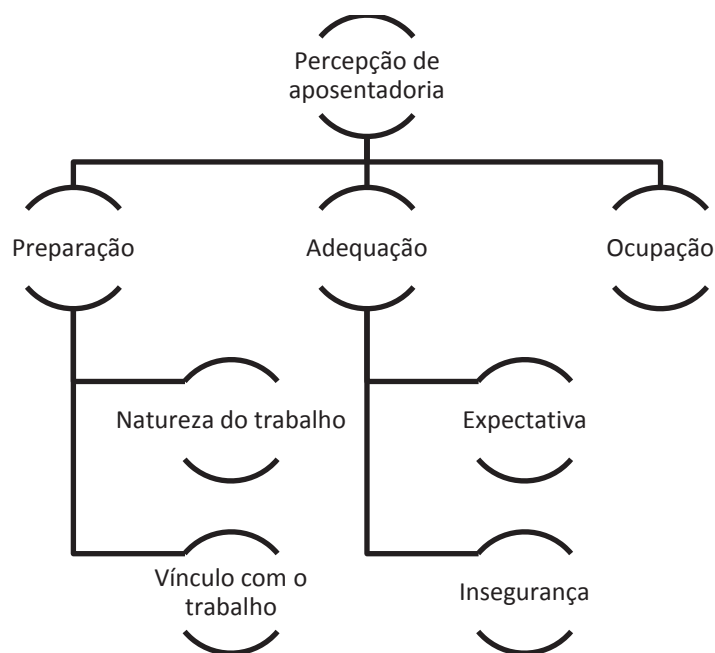


Figura 1 - Visão sistêmica dos eixos delimitados para análise.

A matriz de análise das facetas das falas dos sujeitos entrevistados se baseia nas referências das categorias propostas: *Preparação*, *Adequação* e *Ocupação*. O alicerce da interpretação não foi definido a partir de uma dicotomia de análise, mas sim de uma descrição dos sujeitos tomando como base as percepções sobre aposentadoria.

4.1. PERFIL DOS SUJEITOS PESQUISADOS

Os sujeitos desta pesquisa foram sete participantes do programa Prouse, todos gaúchos, sendo seis mulheres, na faixa etária entre 63 e 73 anos. A idade apresentou uma média de 66,4 anos, com um desvio padrão de 3,4 anos. Quanto ao viver em companhia de alguém, dois afirmaram que vivem (28,6%), quatro (57,1%) que não vivem atualmente com ninguém, mas viveram em algum momento no passado, e um (14,3%) afirmou que nunca viveu. Com relação ao estado civil, dois (28,6%) são casados ou moram junto com alguém, e cinco (71,4%) são viúvos(as) ou solteiros(as). Quanto a ter filhos, seis (85,7%) participantes da pesquisa afirmaram que possuem filhos vivos, com média de 2,8 filhos e desvio padrão de 0,8 filhos. O indivíduo com o menor número de filhos possui dois e o de maior quantidade possui quatro filhos vivos. Quanto à avaliação geral da saúde, seis indivíduos afirmaram que a sua saúde encontra-se boa ou ótima e apenas um indicou que a sua saúde está péssima; já com relação à comparação sobre a saúde hoje, com os últimos três anos, cinco (71,4%) sujeitos informaram que ela está igual ao que era e os demais (28,6%) indicaram que a saúde está bem melhor em comparação com o que estava há três anos. Por fim, quanto aos problemas de saúde, todos os indivíduos informaram que possuem algum problema, mas que não os impede de realizar suas tarefas diárias.

4.2. APOSENTADORIA: EXPECTATIVAS E PROJETOS

Os dados analisados indicam que a construção dos significados da aposentadoria emerge a partir de vários temas: natureza do trabalho, mudanças e imprevistos e a compensação com outras atividades vivenciadas por cada um dos entrevistados. A aposentadoria discursada revela momentos de apreensão mesmo para as professoras aposentadas que disseram estar preparadas para o momento da aposentadoria, os relacionados aos medos e inseguranças e representado como medo social ancorado nos medos presentes: medo de não ter o que fazer, de sentir falta do convívio com colegas e alunos, por não ter mais vínculo institucional (biblioteca, e-mail, etc.), e também medo do que viria depois. Neste contexto, fica claro no discurso que os elementos que traduzem um significado à aposentadoria são afirmados nas falas:

Eu tinha medo de parar. Eu pensava: O que vou ficar fazendo em casa? Entrar em depressão? Ficar olhando pras paredes? Minha preocupação é o que eu iria fazer depois de aposentada.
[Aposentada 1]

Eu tinha um plano de vida que englobava justamente a continuação do meu trabalho, que eu já fazia como professora de pintura e como pintora mesmo, então foi uma coisa continuada, não teve uma interrupção e o que eu senti inicialmente foi assim um pouquinho a sensação de “ai, meu Deus”, eu vou sentir falta dos meus alunos e dos meus colegas, mas uma coisa não assim de tristeza, né?

[Aposentada 4]

A aposentadoria significa um momento de mudança concreta e real na vida dos sujeitos. É a interrupção de um ritmo da vida que durou quase quarenta anos. (SANTOS, 1990). Os espaços dedicados ao trabalho dentro da vida remetem às questões referentes ao equilíbrio existente entre o papel desempenhado pelo trabalho e os demais espaços da vida das pessoas. O momento da aposentadoria, período de reflexão e de redefinição de prioridades na vida pessoal, pode ser concebido como propício à elaboração do ócio criativo, o que significa realizar ou desenvolver atividades agradáveis ou prazerosas, caracterizadas pela criação e aplicação de ideias inusitadas. (MASI, 2000).

A ruptura com o trabalho ocasiona mudanças na vida do indivíduo e contribui para o aparecimento de problemas psicológicos. Essa perda na referência do trabalho, especialmente àquelas não preparadas para essa transição, resulta em dificuldade de desvinculação com as identificações do trabalho e para a construção de projetos de futuro. (SOARES, COSTA, 2008). As mesmas autoras referem que a capacidade de se antecipar e de imaginar o futuro possibilita aos indivíduos a superação das crises que se apresentam ao longo da vida, a continuidade de projetos e a organização da identidade no tempo. A falta de preparação para a aposentadoria pode levar os indivíduos do trabalho (lugar conhecido) diretamente para um lugar desconhecido, e que alguns indivíduos necessitam de acompanhamento psicológico, como é descrito nas falas a seguir:

Viajar é outra coisa que sempre gostei muito, agora quando eu viajo eu penso como teria sido útil se eu tivesse feito essa viagem trinta anos antes, teria modificado minha vida.

[Aposentada 1]

[...] Só que viajar na terceira idade é simples, mas não é tão simples assim, agora eu tenho condições de tempo, de dinheiro, de companhia até para viajar, só que tudo não responde àquilo que eu quero, por exemplo, nós fomos à Europa, mas foi a época de maior ansiedade, eu tava fora do meu lugar, fora do meu mundo, adorei tudo que eu vi porque eu conhecia pela literatura tudo por onde eu passei, mas aquela história de arrumar mala, sair, voltar, aquilo lá me deixou inquieta, hotel avião, isso, aquilo, ainda tiraram a minha bolsa, aquilo foi muito estressante pra mim, eu voltei com pânico, eu não sabia que eu tinha um pouco síndrome do pânico em aglomerações e quando a gente faz turismo tem muita aglomeração de gente e aquilo me perturbava, eu tinha medo de me perder, tinha medo, sabe. Saí do meu ambiente de todo dia.

[Aposentada 2]

[...] e aquela viagem não foi totalmente significativa porque eu não tinha de repente conseguido me tornar outra coisa, eu imaginava uma situação, muito aconteceu, muito não, então eu busquei tratamento psicológico. Isso foi a melhor coisa que eu fiz, eu busquei uma psicóloga, ela foi assim de muita ajuda no sentido de me ajudar a buscar a minha identidade, a me situar num novo campo de ação de afeto e de busca da própria satisfação daquilo que eu me tornaria.

[Aposentada 2]

Eu já tava previsto, isso não foi por acaso na minha cabeça, já estava tudo planejado, tá, psicologicamente eu acho que me senti muito bem, eu consegui ver a vida de outro jeito, perceber que aqui fora também tem coisas muito boas, né? que a gente pode usufruir, fazer meus exercícios físicos na hora que eu pudesse marcar, que fosse melhor pra mim, fazer minhas caminhadas, visitar minhas amigas ou encontro com amigos, fazer meu curso de línguas que se eu estivesse lá talvez eu não pudesse por causa do horário o que mais também viajar não é viajar, viajar seguidamente.

[Aposentada 4]

Eu tive que ir no psiquiatra, tomar remédio, eu chorava, até; é o seguinte: eu não tinha projeto para fazer outra coisa, não tinha projeto para fazer outra coisa, eu me achava nova ainda com um monte de conhecimento na cabeça, sabe. Agora, por exemplo, eu faço patchwork, a minha vida agora é fazer patchwork eu até fiz esses dias, as gurias dão risada, eu fiz, fui fazer a carteirinha, agora minha profissão é outra, agora sou artesã, não sou mais professora, eu sou artesã. Porque agora, o que eu faço agora, eu me relaciono mais com meus filhos, converso mais, me dedico mais a eles, hã, viajo bastante, né, viajo.

[Aposentada 6]

Nas falas dos entrevistados que tinham um projeto para a aposentadoria, muitos pensavam em viajar. Contudo alguns não conseguiram que seus objetivos fossem alcançados, pois na realidade as viagens não aconteceram como tinham planejado, e ficou claro que para alcançarem os objetivos que haviam se proposto seria necessário a ajuda de um profissional.

Por que algumas pessoas reagem negativamente e outras positivamente? Podemos responder dentro de algumas possibilidades como valor da pensão, personalidade do indivíduo, o apoio de familiares; mas não temos uma única razão, mas vários fatores pessoais, sociais e econômicos. (MORAGAS, 2009). O mesmo autor cita que a aposentadoria implica com todos os indivíduos, seu meio ambiente e que as relações dos indivíduos são tão diversas quanto é a sua personalidade e, em consequência, as respostas a uma pluralidade de estímulos. Soares e Costa (2008) referem que do mesmo modo como a identidade se transforma, transformam-se também os projetos das pessoas. O projeto deve ser visto como um processo, com alternativas possíveis na vida do indivíduo. A mesma autora, falando de projetos para a aposentadoria, diz que isso é muito complexo e que um indivíduo pode ter projetos diferentes ou até contraditórios, e que eles mudam como as pessoas mudam, ou as

peças mudam através de seus projetos, e que a transformação individual se dá ao longo do tempo. (SOARES; COSTA, 2008).

Esteja ou não orientado para a aposentadoria, o indivíduo busca formas adaptativas para conviver nessa nova etapa de sua vida. (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010). Os mesmos autores afirmam que encerrar uma carreira formal implica escolher alternativas, e que a inclusão em novos grupos sociais tem decorrências para a identidade pessoal e requer adaptações a uma nova realidade psicossocial, na qual o desafio está em descobrir, aceitar e assumir novas atividades e novos significados para a vida. (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

Ao se aposentarem, os planos da juventude já estão realizados, na maioria das vezes, e o presente assume outra magnitude: identificar-se com o que passou. Em vista disso torna-se mais difícil projetar o futuro, pois o sentimento de desamparo, de ruptura, é muito pesado, pois para muitos o ambiente de trabalho é como o próprio lar. Nesse sentido um acompanhamento psicológico de preparação para a aposentadoria é importante como forma de valorizar o indivíduo neste novo momento para buscar novas alternativas saudáveis de projetos de vida, além daquelas do mundo do trabalho. (SOARES; COSTA, 2008). Não existe uma educação que prepare para o envelhecimento. A falta de projetos faz com que muitos idosos sejam desmotivados de sua existência. Nesse sentido o indivíduo, ao engajar-se em algum projeto, constitui-se num ato de educação. (PORTELLA, 2004).

4.3. NATUREZA DO TRABALHO

A maneira como a pessoa vai viver a sua aposentadoria é influenciada pela sua história pessoal, suas relações com a sociedade, sobretudo pelo seu papel profissional e seu modo de enfrentar as perdas e adaptações às novas situações, sendo que aposentados que se adaptaram bem à nova vida, sem lamentações e traumas, são aqueles que previram a sua aposentadoria e fizeram um projeto de vida, ou ainda aqueles que tinham uma vida ativa e realizavam uma série de atividades, como cantar, pintar, praticar esportes, cultivar o jardim, entre outras. Os que estão fortemente ligados à família e dedicam seu tempo a manter estas relações, os que sentem necessidade de se comunicar, de fazer reflexões em grupos, de alargar seus horizontes, e ainda aqueles que assumem novas responsabilidades, trabalhando como voluntário, numa instituição social.

(RODRIGUES, 2000). Nesse sentido, a importância de terem uma atividade além da atividade profissional, ou de apresentarem uma perspectiva ou planejamento para a aposentadoria, torna esta fase mais tranquila para aqueles profissionais professores que, além de terem a atividade docente, realizam atividades manuais ou culturais e que são reveladas nos comentários a seguir:

No momento da aposentadoria eu projetei o dia que eu queria me aposentar, me aposentei independente do que estava fazendo no dia em que eu queria me aposentar, então assim, ó, eu fui diminuindo minha carga horária gradativamente, eu era 40 horas, daí eu mudei pra 20, depois eu mudei pra 12, 3 turnos, organizei junto à universidade o que eu ia fazer e deixar de fazer.

[Aposentada 2]

Sempre trabalhei na área da educação e com música, trabalhava com corais e fui em busca, mas como as atividades com corais continuou e então fiquei muito feliz, porque houve uma diminuição de carga horária.

[Aposentada 3]

[...] eu já tinha plano de vida, e esse plano de vida englobava justamente a continuação do meu trabalho que eu já fazia como professora de pintura e como pintora mesmo, então foi uma coisa continuada, não teve uma interrupção.

[Aposentada 4]

[...] eu estou envolvido com muitas coisas, sou secretário do CTG aqui da vila, tesoureiro da Associação de Bairro, eu faço parte do grupo de voluntários que trabalham lá na frente do hospital (o nome da instituição foi ocultado) com os deficientes.

[Aposentado 7]

Embora ainda persista o termo “aposentadoria-lazer”, muitas pessoas aposentadas querem realizar atividades que tenham um fim social útil, surgindo, assim, uma segunda opção, às vezes uma segunda carreira, em trabalhos compatíveis com suas aptidões e condições de saúde física e mental. (RODRIGUES, 2000). A investigação a respeito das ocupações atuais destes aposentados se faz necessária, a maioria dos indivíduos pesquisados continuaram a trabalhar, porém em outra atividade profissional, sutilmente ligada à educação, essas atividades tornam-se prazerosas à medida que os entrevistados podem realizá-las sem obrigatoriedade, ou melhor, são atividades nas quais eles podem determinar quando e onde.

Os indivíduos idosos organizados, engajados, articulados em redes comunitárias, criam novos espaços de atuação ao se tornarem partícipes nesses espaços. (PORTELLA, 2004). A mesma autora descreve que engajar-se numa proposta de mudança constitui-se uma oportunidade de vivenciar novas experiências, e encontrar novo sentido para viver. Para que uma velhice seja vivida plenamente, além de saúde, é necessário que o indivíduo sinta-se valorizado, respeitado e ainda seja capaz de tomar

decisões próprias. As mulheres são mais expressivas e envolvidas que a maioria dos homens, devido a fatores sociais e de aprendizagem social. Nesse sentido, as mulheres em todas as idades são menos agressivas, mais solidárias, mais sugestionáveis e mais relacionadas que os homens. Essas características aparecem positivamente relacionadas à satisfação com a vida e também às relações sociais. (NERI, 2001). Também podemos descrever, através das falas, comentários desagradáveis em relação a não estar preparado para a aposentadoria ou também pelo fato de o indivíduo não realizar nenhuma atividade senão aquela realizada profissionalmente:

[...] tem outras que sempre gostei de fazer e fui deixando, coisas que fui deixando, pintar, música, eu tocava violino quando nova, e então resolvi retomar este lado, aí eu, pra recomençar a pintar, eu senti necessidade de alguma orientação.

[Aposentada 1]

Sou caseira, eu, assim ó, eu até experimentei fazer vários trabalhos (referindo-se a trabalhos manuais), mas no fim eu não me adaptei em nenhum, então esta parte está assim muito falha, né, mas eu fico por aí, eu saio, vou muito na vizinha mora aqui do prédio.

[Aposentada 5]

[...] eu tava bem perdida, bem perdida, assim, eu não tinha projeto, eu não sabia o que era ficar assim, sem fazer nada, ora, não fazer nada, eu era muito vinculada à Universidade.

[Aposentada 6]

Moragas, (2009, p. 88) fazendo um comparativo entre aposentadoria para homens e mulheres, acrescenta que “[...] as mulheres nunca se aposentam”, pois as mulheres que se aposentam experimentam a transição da vida profissional para a vida doméstica, de forma mais leve. A dupla jornada, que desempenham na vida ativa, ou seja, no trabalho e em casa, proporciona uma vantagem quando deixam o emprego e passam a se dedicar ao lar, onde nunca se sentem estranhas. Os comentários registrados através das entrevistas ilustram essas possibilidades:

[...] mas o dia a dia de fazer comida, lavar a louça, limpar a casa, isso não é muito do meu agrado (risadas), eu faço porque alguém precisa fazer, mas assim me parece que eu tô perdendo tempo, ainda tenho os resquícios do tempo que a gente só trabalhava e trabalhava fora, agora eu já sou mais tranquila, eu faço o que tem que fazer, não penso muito, gosto de organizar minha casa, meu jardim, mas assim meio rapidinho, porque sempre eu tenho que fazer ligeiro, porque depois eu quero ver isso, quero continuar lendo meu livro.

[Aposentada 2]

[...] eu cozinho, há um lazer que eu tenho, eu acho que é um lazer porque é uma diversão, é cozinhar, sabe, eu cozinho com prazer, quando eu dava aula eu cozinhalva até com raiva, entende, porque o tempo era premente, eu tinha que resolver, agora não, agora vou pra cozinha, faço com calma minha comidinha, a comida para a minha família, adoro, fiz curso de culinária italiana, então, quer dizer, é uma coisa prazerosa.

[Aposentada 4]

As falas, além de identificar o trabalho doméstico, revelam também um espaço de atuação, pois para a aposentada 4 há um prazer em realizar as refeições para a família, porque o trabalho do lar, marco de convivência da família, é diferente, pois ele reside nas relações afetivas e sociais que a mulher proporciona aos membros de sua própria família, que é diferente do trabalho realizado por empregadas domésticas. (MORAGAS, 2004).

As ocasiões informais e os momentos de descontração são oportunos para novos aprendizados, sejam para a realização de atividades domésticas, sejam nas relações significativas, pois é o que educa e enriquece o ser humano. (PORTELLA, 2004). Já para a aposentada 2 o trabalho doméstico que é realizado por ela não é prazeroso, sendo que a mesma tem preferência na realização de outras atividades que não às do lar.

A quase totalidade do trabalho doméstico é realizada pelas esposas, as quais atendem não somente os filhos, mas também o cônjuge e até mesmo pais idosos, proporcionando qualidade de vida a estes, e economia familiar. No entanto, o trabalho do lar não tem boa reputação na opinião pública, pois é considerado inferior, mais rotineiro, embora algumas decisões complexas sejam tomadas pelas donas de casa quase que diariamente. (MORAGAS, 2004). A entrada para o mundo doméstico pode ser uma opção e não uma obrigação imposta pela aposentadoria, devendo ser levado em consideração às causas subjetivas desta escolha e o apoio social recebido para continuar. (FIGUEIREDO, 2005).

4.4. PREDISPOSIÇÕES DA PESSOA

A aposentadoria representa uma nova realidade que implica no planejamento do indivíduo quanto ao uso do tempo, às experiências físicas, à dedicação intelectual e ao significado social da pessoa, exigindo dela uma resposta psíquica global. A personalidade básica, assim chamada porque se mantém a mesma ao longo do tempo, pode reagir positivamente ou negativamente na aposentadoria, assim como faz com os acontecimentos importantes da vida, assim como com o envelhecimento, alguns envelhecem positivamente, outros negativamente. Entre os primeiros acontecem atitudes favoráveis, devido aos seus recursos individuais; já os segundos não apresentam atitudes nem estratégias. (MORAGAS, 2009). O mesmo autor refere que é característica da aposentadoria uma alteração de esquema de exigências funcionais e temporais. Se o indivíduo não possui outros objetivos de vida e uso adequado do tempo diante da nova

situação, podem-se produzir reações negativas na pessoa. Na prática, encontramos sem condições de enfrentar esse acontecimento, o que representa um desafio para a personalidade individual. A nossa sociedade institucionalizou a preparação para a passagem por mudanças importantes na vida do indivíduo, como escolarização obrigatória, orientação profissional, no entanto, quase não existe preparação para a aposentadoria, o que leva a pensar num esquecimento ou falta de sensibilidade coletiva para aqueles que supostamente deixam de ter uma vida produtiva.

Durante toda a minha vida fui sentindo algumas necessidades; porque eu não podia durante a vida diária suprir, fui deixando para a aposentadoria.

[Aposentada 1]

Eu não sabia que eu tinha um pouco síndrome do pânico em aglomerações e quando a gente faz turismo tem muita aglomeração de gente e aquilo me perturbava, eu tinha medo de me perder, tinha medo, sabe [...] E essas mudanças me deixaram também entre a saída da aposentadoria e fazer outras coisas me deixaram um pouco insegura, eu era trabalhadora, eu vivia pela universidade.

[Aposentada 2]

Quanto à aposentadoria, não apresentou grandes mudanças, continuo na ativa, mas tenho mais tempo para a família, casa, jardim. Não me senti insegura em nenhum momento, e percebo que as pessoas não me veem como aposentada. Pensando bem, tive um pequeno choque, porque foi cortado o benefício, e-mail, biblioteca”.

[Aposentada 3]

Eu não me preparei também, não pra aposentadoria, eu só queria duma vez me ver livre do trabalho que eu tava fazendo, do horário, de ter que levantar cedo, de ter muito compromisso, inclusive algumas pessoas me deram a ideia de fazer trabalho voluntário, mas trabalho voluntário também é compromisso, ia cair na mesma história, então eu não peguei trabalho, trabalho voluntário nenhum, tá, então eu cuído da minha vidinha, das minhas coisinhas, né.

[Aposentada 5]

[...] na verdade eu entrei em depressão logo que eu me aposentei, eu entrei em depressão, sabe, porque eu fiquei assim, eu via os meus livros, eu via as minhas coisas, eu tinha vontade de ir para a Universidade, acho que todos devem ter dito isto, né, porque eu queria continuar trabalhando, eu não me via fora da universidade, a universidade era a minha vida.

[Aposentada 6]

Entre as reações psíquicas que a aposentadoria pode ocasionar nos indivíduos, os psicólogos destacam a ansiedade e depressão. Ansiedade é a síndrome mais frequente, devido ao desconhecimento do que esperar no fim da vida de trabalho, somente as personalidades fortes e com motivação serão capazes, pessoal e socialmente, de interpretar essa falta de normas como uma oportunidade ao exercício da liberdade pessoal, e não como uma insegurança a mais. A depressão, por sua vez, é considerada a mais importante desordem verificada com a aposentadoria imposta, quando o indivíduo não participa dessa decisão. Sendo suas manifestações psíquicas mais frequentes a

diminuição da autoestima, negativismo, tristeza, diminuição das atividades, além de manifestações físicas como diminuição do peso, fadiga, indiferença.

As entrevistadas levantam algumas situações relacionadas ao convívio familiar, que, através dos discursos, relatam a realidade do cotidiano familiar e que, devido à aposentadoria, num primeiro momento apontaram a família como elemento principal, atribuída de responsabilidade maior e, em geral, ao papel de mães e donas de casa que todas exercem. As situações mais relatadas foram relativas ao cuidado com netas e filhos, bem como da casa, situações as quais as entrevistadas deixam claro que nunca foram o mais importante. Nesse sentido, buscando tais representações nos discursos com professoras universitárias aposentadas, quanto ao convívio familiar, revelada pelos comentários, foi encontrado um sentimento de culpa explícito nas seguintes frases:

[...] o que eu mais fiz na minha vida foi trabalhar, trabalhar com responsabilidade, não medindo tempo nem nada, eu fui menos família e mais trabalho.

[Aposentada 2]

[...] tinha 42 anos e fiquei viúva, meu marido morreu repentinamente e também fiquei avó, me atirei no trabalho. Só imagina: filho de 18 anos, marido morreu, aposentadoria, foi bem complicado, mas tirei de letra, pois tenho pessoas queridas que estão sempre perto, que ajudam e são amigos que conservo até hoje.”

[Aposentada 3]

[...] com a minha aposentadoria chegaram meus três netos: duas gêmeas e o menino, então foi a oportunidade que eu pude realmente me dedicar e eu pensava assim, puxa, com meus filhos talvez eu não dei tanto atendimento porque eu tinha que trabalhar, era a casa, coisas do lar, preparar aula pros colégios, a correria, e agora que eu vi que chegaram os meus netos é o amor doce que a gente tem a maior alegria de poder ajudar, né, minha nora e minha filha, sempre que precisam, estou junto.

[Aposentada 4]

[...] ó, na verdade as coisas que ocorreram com a aposentadoria eu estou vivendo mais com minha família, sabe, me dedicando mais aos meus filhos.

[Aposentada 6]

[...] eu só tinha trabalho dia e noite, trabalho, trabalho, trabalho e achava que era imprescindível ter que trabalhar, e trabalhar bastante e estava perdendo o principal, que era o convívio com a família, isso foi uma das coisas que mudou e muito.

[Aposentada 7]

Diante do apresentado como convívio familiar, percebe-se que existe um sentimento que poderia ser descrito como culpa, e que é importante na vida destes indivíduos, que diante de uma situação como a aposentadoria conseguem realizar um papel que até então não era possível, pois nas falas eles relatam que o trabalho era o mais relevante. No processo de adaptação a aposentadoria, torna-se, às vezes, necessário uma reestruturação da relação conjugal e familiar. Essa reestruturação deve-se ao fato

que antes os indivíduos ocupam a esfera do trabalho e o idoso não ficava tanto à esfera familiar, sendo esta situação alterada com a aposentadoria, principalmente nas relações familiares, o que pode promover novos conflitos ou entendimentos. A aposentadoria provoca uma modificação na rotina e no comportamento dos sujeitos, pois os mesmos deverão fazer uma reestruturação e organização do seu tempo e atividades. (FIGUEIREDO, 2005).

De todos os problemas que a aposentadoria acarreta para quase todas as pessoas, não só econômicos, mas também existenciais, os programas de preparação para a aposentadoria seriam uma opção, pois estes programas auxiliam os indivíduos a conservarem sua personalidade e autonomia, ocupando os mesmos em atividades prazerosas e gratificantes. (RODRIGUES, 2000).

4.5. VÍNCULOS COM O TRABALHO

Para Vieira (2004), os vínculos criados pelos indivíduos carregam uma forte relação com o que temos de mais íntimo e o que mais queremos preservar: nossa autonomia e senso de controle sobre nossas vidas e nossas escolhas. O modo individual como cada um se relaciona com seu objeto é que vai determinar o tipo de vínculo que será estruturado. A maioria das relações estabelecidas com o mundo é mista e isso torna difícil o estabelecimento de um único vínculo. A mesma autora refere que desenvolvemos a nossa identidade a partir da sensação de pertencimento que desenvolvemos em determinados espaços e identificamos características comuns entre os que estão nesse espaço, o que também permite a nossa inscrição no mundo. Os vínculos que estabelecemos com as pessoas, nos mais diferentes grupos, inclusive o familiar, estão sujeitos a regras que são fundamentais para coesão, segurança e bem-estar dos membros do grupo, tanto como indivíduos quanto com a coletividade. (VIEIRA, 2004). O vínculo simbólico com o trabalho se faz através da identidade de trabalhador que se mantém como referência identitária, pois não se rompem os laços subjetivos com a vida de trabalho, mesmo com a aposentadoria e a velhice. (CARLOS et al., 1999).

[...] eu era muito universidade, sabe, aquilo era o centro da minha vida, quer dizer, eu não olhava muito pra mim, eu olhava pra lá, e foi muito significativo.
[Aposentada 2]

[...] tenho pessoas queridas que estão sempre perto, que ajudam e são amigos que conservo até hoje.

[Aposentada 3]

[...] a correção de trabalhos, aquela coisa, aquela grade que eu acho uma coisa terrível, que é o horário, que prende a gente, que tu tem que estar no tal horário.

[Aposentada 4]

[...] eu só queria duma vez me ver livre do trabalho que eu tava fazendo, do horário, de ter que levantar cedo.

[Aposentada 5]

[...] eu não me via fora da universidade, a universidade era a minha vida, eu não me via fora da universidade, é demais eu estudei muito, me dediquei muito, eu era dedicadíssima, sabe.

[Aposentada 6]

Percebe-se, assim, que estas professoras universitárias eram dedicadas ao trabalho, tinham bons vínculos profissionais, porém o que se revela é a insatisfação com a rigidez dos horários, acordar cedo, que faz com que a aposentadoria se torne uma boa opção. Na verdade os vínculos pessoais muitos continuaram e se revelam nas falas das entrevistadas, que conservam amigos até hoje, com quem se encontram para sair.

Santos (1990) refere ser evidente que a aposentadoria é um momento marcante na vida dos sujeitos, e que ela é um ponto que define para uns a chegada da velhice e, para outros, a chegada de uma nova vida, mais livre, mais agradável. O mesmo autor cita que estes indivíduos percebem a aposentadoria como o início de uma nova maneira de viver, na qual o indivíduo pode dedicar-se a atividades que lhe dão prazer, assim sentimentos de liberdade, de alívio e felicidade são associados à cessação da atividade profissional. Nesse sentido, este indivíduo percebe a aposentadoria a vislumbrar um futuro, construir projetos e ter o sentimento de poder agir sobre os acontecimentos e sua vida.

As mudanças ocorridas no ritmo de vida e o desapego de alguns hábitos cotidianos exigem uma readaptação, a uma vida mais tranquila, para alguns este acontecimento como a aposentadoria significa uma conquista, um ganho para desfrutar um merecido descanso. (ALENCAR, 2007). Representa maior disponibilidade de tempo físico e psíquico, para desfrutar de lazer ou realizar atividades que estiveram esquecidas ou que foram adiadas ao longo do tempo. (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

[...] mas eu resolvi fazer coisas que eu nunca pude fazer na minha vida antes, por exemplo, pilates, eu tô fazendo ioga, porque são exercícios que eu preciso fazer, preciso fazer porque senão eu endureço por completo, mas no tempo que eu lecionava eu nem cogitava e nem tinha tempo, eu tinha que atender outras coisas, tudo era mais urgente e agora eu tô metodizando

pra tratar de mim, cuidar de mim, ter esse horário para mim, né.
[Aposentada 1]

[...] envelhecimento ativo é isso, você buscar a sua identidade e o seu papel social na velhice, aprender a olhar as coisas de forma diferente, aprender a amar de forma mais limpa, se dá para dizer assim, e a rotina diária, assim, vamos dizer, assim, eu gosto muito das coisas que me desafiam, eu faço hidro, eu nado, eu caminho, daí eu faço palestras, faço encontro, estas coisas todas.
[Aposentada 2]

[...] envelhecimento ativo, a pessoa não se menospreza, ela busca alternativas como artes, social, cultural, participa de grupos atuantes em que pensam juntos com o objetivo de buscar alguma coisa que seja bom para todos. É não estar longe do mundo, continuar lendo jornais, revistas, estar em contato com o mundo. Eu, por exemplo, é muito comum eu estar na academia fazendo ioga, e o trabalho com música.
[Aposentada 3]

[...] parte de exercícios físicos, como a parte espiritual, que é, por exemplo, assim, eu penso assim, que conviver com os amigos, com os familiares, isso enriquece muito a gente, né, e também o fato de poder ficar às vezes silenciosamente comigo mesma, me encontrando, pensando nos meus trabalhos, na minha criação.
[Aposentada 4]

Eu vou na academia, eu faço pilates e faço hidroginástica, eu andava gripada, deixei de ir, agora tenho que retomar, eu tenho que fazer, sem fazer não dá, a gente vai ficando dura, por mais que você vai perdendo a massa muscular, você tem que fazer fortalecimento, atividade aeróbica, todos os benefícios que causa a atividade física.
[Aposentada 6]

Eu gosto muito de ir lá na oficina e fazer minhas coisas, trabalhos manuais, artesanato, conserto de tudo o que aparece.
[Aposentado 7]

Nesse sentido, os indivíduos entrevistados relatam que, através de suas atividades, possuem uma vida ativa e positiva, pois nas falas acima descrevem atividades que realizam em decorrência da aposentadoria, mas que alguns já faziam anteriormente. Como o tempo disponível é diferente em cada etapa da vida em que se encontra cada pessoa, também é diferente a sua qualidade, a natureza e os objetivos que satisfaz, bem como os recursos investidos e a atitude com que é desfrutado. (MORAGAS, 2005). O mesmo autor refere que a escolha de atividades concretas de tempo livre constitui um processo individual, com amplas possibilidades de escolha pessoal, de acordo com o condicionamento pessoal e social. Essas atividades são benéficas pelas suas implicações que se supõe o papel social do idoso. Outro aspecto também importante que o mesmo autor salienta é que, à medida que se envelhece, existe uma transição no tipo de atividade realizada, que passam de obrigatórias a voluntárias, de externas ao lar a realizadas neste, e de sociais a individuais ou em duplas, embora sejam grandes as variações entre as pessoas. (MORAGAS, 2005).

Rodrigues (2000) afirma que com o envelhecimento o primeiro ganho é a liberdade, referindo-se a liberdade interior e exterior; o segundo ganho é o tempo. E o terceiro é a experiência de vida, e que se o indivíduo tiver saúde física e mental, dispõe de recursos econômicos provenientes da aposentadoria ou de outras fontes, garantindo-lhe uma vida digna e atividades diversificadas, deverá ter uma velhice tranquila, feliz e com o convívio da família, parentes e amigos.

5. CONCLUSÃO

Neste estudo as conexões envelhecimento, aposentadoria e ser professor ultrapassam as questões relativas ao estar aposentado, representando uma situação na qual os anos de dedicação ao trabalho, em prol de uma instituição, sejam finalmente valorizados. Representa também a busca de novos conhecimentos, na verdade novas atividades que, por questões do interesse em continuar ativo, assumem uma conotação de novo trabalho. No decorrer de toda a análise, foi possível perceber o quanto a experiência da aposentadoria é difícil, exigindo dos indivíduos grande criatividade para vivenciar esta nova etapa da vida.

Os indivíduos mantiveram, na medida do possível, o mesmo padrão de interação social que tinham anteriormente, bem como fizeram as adaptações necessárias para ter uma vida satisfatória. Com a aposentadoria foi necessário uma ressignificação e redefinição de prioridades, a fim de que pudessem se satisfazer e proporcionar a si mesmos uma existência de significação. Entretanto, percebe-se que mesmo aqueles indivíduos que se prepararam para o momento da aposentadoria, não passaram por esse momento intactos, pois o impacto que o retorno ao lar causou desencadeou sentimentos de depressão, angústia e até inutilidade, sendo necessário para estes indivíduos criarem novas identificações em substituição ao espaço até então ocupado pelo trabalho.

Notou-se, também, que os indivíduos que mantinham atividades lúdicas durante a vida profissional, passaram a se dedicar de forma mais completa a essa atividade, sendo muito mais prazerosa e satisfatória, fato esse salientado pelos indivíduos do estudo devido ao fato que o fator tempo não está presente na conotação de obrigação, e sim de descontração de fazer o que se tem vontade, como pintar, cantar e trabalhar com madeira. Aqueles que não tinham nenhum tipo de atividade extraprofissional, de uma forma ou de outra buscaram um novo objetivo, mesmo que alguns tenham precisado de acompanhamento médico e uso de medicação, depois de passado um primeiro momento conseguiram se realizar pessoal e emocionalmente nesta nova atividade, e até referiram que não gostariam mais de voltar ao trabalho.

A construção de novos projetos de futuro requer reflexões sobre o passado e o presente, e também as expectativas para o futuro. Nesse sentido, a presença de programas de preparação para a aposentadoria teria uma fundamental importância para

estes profissionais, na medida em que se aproximam da aposentadoria, de modo que, quando a aposentadoria realmente chegar, eles já tenham pensado e até já estejam engajados em novos projetos, tornando esta passagem mais fácil e compensadora.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Dicionário*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- ALBORNOZ, S. *O que é trabalho*. São Paulo: Braziliense, 2004.
- ALENCAR, M. L. S. *A aposentadoria e velhice: experiências e significados para homens e mulheres idosos(as)*. 2007. 109 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- ALENCAR, R. S. D. Ensinar a viver, ensinar a envelhecer: desafios para a educação de idosos. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 4, p. 61-83, 2002.
- ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 3 ed. Lisboa: Setenta, 2004.
- BESSI, V. G. *Espaço-temporalidade, trabalho imaterial e resistência: reflexões sobre o cotidiano do trabalho contemporâneo*. Lisboa: Socius, 2007.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Lei nº 8080, de 19 de setembro de 1990. *Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências*. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm>. Acesso em: 10 jul. 2010.
- _____. Lei nº 8142, de 28 de dezembro de 1990. *Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde - SUS e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências*. Presidência da República. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Lei8142.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2010.
- _____. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. *Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências*. Diário Oficial da

República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 jan. 1994. Seção 1, ano 132, n. 3. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8842.htm>. Acesso em: 10 jul. 2010.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196 de 10 de outubro de 1996. *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos*. Brasília: DF, 1996. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/1996/Reso196.doc>>. Acesso em: 2 abr. 2010.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Caderno de Atenção Básica, n. 19, 2006).

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. *Atenção à saúde da pessoa idosa e envelhecimento*. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. (Série B. Textos Básicos de Saúde) (Série Pactos pela Saúde, v. 12, 2006).

BEAVOIR, S. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOTH, A. Linguagem, pensamento e afeto: fundamentos educacionais para o desenvolvimento de idosos. In: PASQUALOTTI, A.; PORTELLA, M. R.; BETINELLI, A. (Orgs). *Envelhecimento humano: desafios e perspectivas*. Passo Fundo: UPF, 2004, p. 19-35.

CAMARANO, A. A. Envelhecimento da população brasileira uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V. et al. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 58-71.

CANINEU, P. R.; BASTOS, A. Transtorno cognitivo leve In: FREITAS, E. V. et al. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 128-132.

CARLOS, S. A. et.al. Identidade aposentadoria e terceira idade. *Revista de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 1, p. 82-83, 1999.

CARNEIRO, M. H. S. Trabalho docente e saberes experienciais. In VEIGA, I. P. A.; VIANA, C. M. Q. Q. (Orgs). *Docentes para a educação superior: processos formativos*. Campinas, SP: Papirus, 2010, p. 101-113.

CARVALHO, D. C.; DURAND, O. C. S. Conhecimento, docência e memória: desafios para formação de professores. In: *Lugares, sujeitos e conhecimentos: a prática docente universitária*. CASSIANI, S. [et al.], Org. Florianópolis: Ed da UFSC, 2008.

DALBOSCO, C. A. *Pedagogia Filosófica: cercanias de um diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2007.

D'ÁVILA, C. M.; SONNEVILLE, J. Trilhas percorridas na formação de professores: da epistemologia da prática à fenomenologia existencial. In VEIGA, I. P. A.; D'AVILA, C. M. (Orgs.). *Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas*. Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 23-44.

DEBERT, G. G. *A Reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 1999.

DUARTE, Y. A. O. Princípios de assistência de enfermagem gerontológica. In: PAPALÉO NETTO, M. (Org.). *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 2005, p. 222-229.

DOLL, J. et al. Atividade, desengajamento, modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. *Revista de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 12, p. 7-33, 2007.

DUMAZEDIER, J. *Sociologia empírica do lazer*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. *Lazer e cultura popular*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ELIOPOULOS, C. *Enfermagem gerontológica*. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ENRICONE, D. A dimensão pedagógica da prática docente futura. In: ENRICONE, D. (Org.). *A docência na educação superior: sete olhares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 11-31.

ERBOLATO, R. M. P. L. Relações sociais da velhice. In: FREITAS, E. V. et al. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 957-964.

FERREIRA, L. S. Profissionalidade, trabalho e gestão do pedagógico no discurso de Professores. *Revista Perspectiva*, Erechim, v. 31, n. 116, p. 114-115, 2007.

FERRARI, M. A. C. Ocupando o tempo livre. In: DUARTE, I. A. O.; DIOGO, M. J. D. *Atendimento domiciliar: um enfoque gerontológico*. São Paulo: Atheneu, 2000, p. 461-465.

_____. Lazer e ocupação do tempo livre na terceira idade. In: NETTO, M. P. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 2005, p. 98-105.

FIGUEIREDO, N. C. M. *Interfaces do trabalho voluntário na aposentadoria*. 2005, 170 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GADOTTI, M. *A boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GRILLO, M. Percursos da constituição da docência. In ENRICONE, D. (Org.). *A docência na educação superior: sete olhares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p 65-79.

HUBERMAN, M. Ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. Portugal: Porto, 2007, p. 37-46.

DE MASI, D. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10 ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2007.

MOITA, M. C. Percursos de formação e transformação. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 2007, p. 111-132.

MORAGAS, R. M. *Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *Aposentadoria: uma oportunidade de vida*. São Paulo: Paulinas, 2009.

NERI, A. L. O curso do desenvolvimento intelectual na vida adulta e na velhice. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 900-913.

_____. *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Alínea, 2005.

_____. Velhice e qualidade de vida na mulher. In: NERI, A. L. (Org.). *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papirus, 2001, p. 161-200.

PAPALÉO NETTO, M. O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E. V. et al. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 2-12.

OMS. Organização Mundial da Saúde. *Saúde*. 1948. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro092.pdf>>. Acesso em: 19 de out. 2011.

PACHECO, J. L.; CARLOS, S. A. In: FREITAS, E. V. et al. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 1388 - 1393.

PEIXOTO, C. E; CLAVAIROLLE, F. *Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

PEIXOTO, C. *Envelhecimento: novo assunto para políticas públicas*. Disponível em <<http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/entrevista/envelhecimento-novo-assunto-para-as-politicas-publicas.html>>. Acesso em: 19 de out. 2011.

RAMOS, L. R. Epidemiologia do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 72-78.

PASQUALOTTI, A.; PASSERINO, L. M.; PASQUALOTTI, P. R. Idosos em rede: interface entre interação no ciberespaço, tecnologias de comunicação e relacionamento. In: TOMMASI, S. B; ORMEZZANO, G. (Orgs.). *Envelhecer com sabedoria*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 105-138.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. Docência no ensino superior. São Paulo: Cortez, 2002. Docência no ensino superior. São Paulo: Cortez, 2008.

PORTELLA, M. R. *Grupos de terceira idade: a utopia do envelhecer saudável*. Passo Fundo: UPF, 2004.

RODRIGUES, N. C. Conversando com Nara Costa Rodrigues: sobre gerontologia social. SCHONS, C. R.; PALMA, L. T. S. (Org.). Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2000, p. 25-39.

RODRIGUES, N. C; RAUTH, J. Os desafios do envelhecimento no Brasil. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 106-110.

SALGADO, C. D. S. Mulher idosa: a feminilização da velhice. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.

SANTOS, M. F. S. *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1990.

SIQUEIRA, M. E. C. Teorias sociológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 47-57.

SMETZER, S. C.; BARE, B. G. *Tratado de enfermagem médico-cirúrgica*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

SOARES, D. H. P. COSTA, A. B. Projetos de futuro na aposentadoria: uma discussão fundamentada pela orientação profissional em psicologia. *Revista de Psicologia e Ciências Afines*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 37-40, 2008.

STANO, R. C. M. T. *Identidade do professor no envelhecimento: questões da nossa época*. São Paulo: Cortez, 2001.

STEGLICH, L. A. *Crises normais da vida adulta: dos 18 aos 80 anos de idade*. Passo Fundo: UPF: 1992.

VASCONCELOS, M. L. M. C. *Autoridade docente no ensino superior: discussão e encaminhamentos*. São Paulo: Xamã; Niterói: Intertexto, 2006.

VEIGA, I. P. A.; D'ÁVILA, C. M. (Org.). *Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas*. Campinas: Papyrus, 2008.

VERAS, R. P.; CALDAS, C. P. A promoção da saúde de uma população que envelhece. In: DALLEPIANE, L. B. et al. (Org.). *Envelhecimento humano: campos de saberes e práticas em saúde coletiva*. Ijuí: Unijuí, 2009, p. 57-80.

VIEIRA, E. B. *Manual de gerontologia: um guia teórico-prático para profissionais, cuidadores e familiares*. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

World Health Organization - WHO. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

ZABALZA, M. A. *O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZANELLI, C. J.; SILVA, N.; SOARES, D. H. P. *Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho: construção de projetos para o pós-carreira*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ANEXOS

Anexo A. Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da UPF



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER 082/2010

O Comitê de Ética em Pesquisa – UPF, em reunião no dia 31/03/10, analisou o protocolo de pesquisa “**Significação imagético-simbólica da aposentadoria e suas repercussões na velhice: enfrentamento das crises normais da vida adulta de professores universitários**”, CAAE nº 0044.0.398.000-10 de responsabilidade da pesquisadora **Cristina de Marco**.

O projeto tem como objetivo analisar o impacto com que o professor universitário aposentado concebe a perspectiva de afastamento da vida profissional, bem como as implicações com relação aos seus projetos de vida e de sua saúde. A pesquisadora fará um estudo transversal de natureza quanti-qualitativa, envolvendo 15 professores aposentados da Universidade de Passo Fundo, que fazem parte do Programa Universidade sênior (Prouse). Para a coleta de dados será utilizada a técnica de grupo focal. Para o desenvolvimento das entrevistas um será utilizado um questionário semi-estruturado. A pesquisadora participará do grupo focal como mediadora das falas e buscará gerar diálogos sobre o objeto de estudo por meio de entrevista.

Os direitos fundamentais dos participantes foram garantidos no projeto e no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado. O protocolo foi instruído e apresentado de maneira completa e adequada. Os compromissos da pesquisadora e das instituições envolvidas estavam presentes. O projeto foi considerado claro em seus aspectos éticos e metodológicos.

Diante do exposto, este Comitê, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa na forma como foi proposto.

A pesquisadora deverá apresentar relatório ao CEP ao final do estudo.

Situação: PROTOCOLO APROVADO

Passo Fundo, 28 de abril de 2010.

APÊNDICES

Apêndice A. Questionário I: Dados sociodemográficos

Questionário I - Dados sociodemográficos

1) Qual era a sua idade em 1º de julho de 2010?

Anos _____

N.S./N.R. 99

2) Gênero

Feminino 1

Masculino 2

3) Qual é o seu estado de nascimento?

Rio Grande do Sul 1

Santa Catarina 2

Paraná 3

Outro 4

N.S./N.R. 99

4) Vive em companhia de cônjuge ou companheiro(a)?

Sim 1

Não, mas viveu 2

Nunca viveu 3

N.S./N.R. 99

5) Atualmente, qual é o seu estado civil?

Casado ou morando junto 1

Desquitado(a), separado(a) ou divorciado(a) 2

Viúvo(a) ou solteiro(a) 3

N.S./N.R. 99

6) O(a) Sr.(a) tem filhos?

	1
Não (Ir para a Q. 14 e indicar N.A. na Q. 10)	2
N.S./N.R.	99

7) Quantos filhos o(a) Sr.(a) tem?

Filhos	_____
N.A.	98
N.S./N.R.	99

8) Em geral, o(a) Sr.(a) diria sobre a sua saúde?

Está ótima	5
Está boa	4
É regular	3
Está muito ruim	2
Está péssima	1
N.S./N.R.	99

9) Em comparação com os últimos três anos, o(a) Sr.(a) diria sobre sua saúde hoje?

Está bem melhor	3
Está igual ao que era	2
Está muito pior	1
N.S./N.R.	99

10) Atualmente, o(a) Sr.(a) tem algum problema de saúde?

Sim	1
Não	2
N.S./N.R.	99

11) Esse problema de saúde impede o(a) Sr.(a) de fazer atividade que precisa ou que gostaria de fazer?

Sim	1
Não	2
N.S./N.R.	99

Apêndice B. Questionário II: Instrumento semiestruturado

Questionário II: Instrumento semiestruturado

1) Como o(a) Sr(a) se percebe como aposentado(a)? No momento da aposentadoria, quais eram seus projetos de vida? Quais eram as suas expectativas com relação a esta nova fase de sua vida? Como ela aconteceu? O(a) Sr.(a) se preparou para esta fase de sua vida ou simplesmente deixou para ver o que ia acontecer?

2) Na esfera psicológica, social e familiar, quais foram as principais mudanças que ocorreram na sua vida após a aposentadoria? Essas mudanças que ocorreram lhe deixaram inseguro de alguma forma? Como o(a) Sr.(a) acha que as outras pessoas veem como aposentado(a)? O(a) Sr.(a) sofreu ou sentiu algum tipo de preconceito após a aposentadoria?

3) O que o(a) Sr.(a) entende por envelhecimento ativo? Na sua rotina diária esta prática é comum? Agora, como aposentado(a), como o(a) Sr.(a) ocupa seu tempo livre? O(a) Sr.(a) classificaria essa ocupação de tempo livre como sendo expressiva para o seu bem-estar ou falta algo para classificá-la com sendo de qualidade?

Apêndice C. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa faz parte da dissertação de Cristina De Marco, intitulada “Significação da aposentadoria e suas repercussões na velhice: enfrentamento das crises normais da vida adulta de professores universitários”, do Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Universidade de Passo Fundo, sob a orientação do professor Dr. Adriano Pasqualotti e coorientação do professor Dr. Agostinho Both. O objetivo é analisar o impacto com que o professor universitário aposentado concebe a perspectiva de afastamento da vida profissional, bem como as implicações com relação aos seus projetos de vida e de saúde.

Você está sendo convidado a participar da pesquisa, respondendo instrumentos que avaliarão de forma multidimensional a questão da aposentadoria, bem como a forma como esses profissionais, após a aposentadoria, ocupam seu tempo livre e também como se prepararam para essa nova etapa. A sua colaboração é muito importante, uma vez que estas e outras informações de cunho teórico permitirão conhecer como esses profissionais se preparam e vivem a sua aposentadoria.

Gostaríamos de esclarecer que você está livre para desautorizar a qualquer momento o uso ou a divulgação dos seus dados. O consentimento é livre, e a sua autorização na participação voluntária da pesquisa assegura-lhe o direito de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa. Esclareço, ainda, que a sua participação não implicará em custos financeiros. As informações serão mantidas em sigilo e os resultados gerais obtidos serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, incluindo sua publicação na literatura. O material produzido será utilizado somente para fins de investigação.

Adriano Pasqualotti
Rua José Bonifácio, 112/402
Passo Fundo - RS, CEP 99070-070
Fone: (54) 9164 1591

Cristina De Marco
Av. Amintas Maciel, 1080
Erechim - RS, CEP 99700-000
Fone: (54) 9149 9158

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome do sujeito da pesquisa, ou do responsável

Observação: o presente documento, em conformidade com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, será assinado em duas vias de igual teor, ficando uma via em poder do participante e outra com os pesquisadores. Para qualquer esclarecimento ou dúvida acerca do desenvolvimento do estudo, o telefone de contato com os pesquisadores é (54) 9149 9158. O telefone de contato do Comitê de Ética em Pesquisa para esclarecimento de dúvidas e informações é (54) 3316 8370.

